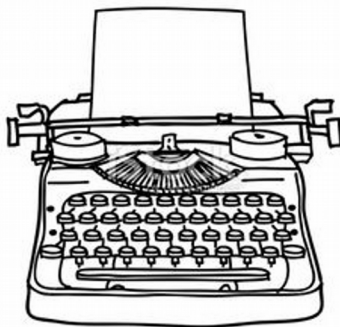


Andri Carvão



POLIFEMO EM LILIPUTE E OUTROS CONTOS

APPALOOSA
Online Indie Publishing

POLIFEMO EM LILIPUTE E Outros Contos

Andri Carvão

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0005

Carvão, Andri

Polifemo em Lilipute

Andri Carvão – 1 Ed. 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Capa:

Appaloosa Design Team; Felipe Regazio

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felipe Regazio / Produção e Edição

Este Livro Contém:

- . Polifemo em Lilipute e Outros Contos
- . Sobre o Autor
- . Entrevista com o Autor

A Atmosfera Calcinada de Polifemo em Lilipute & Outros Contos

Comecemos com um trocadilho infame: os contos de Andri Carvão são brasas incandescentes, ardentes, fogosas. Esse elemento rubro dentro da caixa de fósforos pulsa já no primeiro conto. Em *O Sangue*, o líquido vermelho flui na morte da infância, na morte do sonho, na morte da luta, na mancha do branco.

O segundo resulta, sem eufemismo, no sonho destroçado da atualidade vazia, do rebanho perdido em *um parque de diversões*, de ilusões, do faz de conta, da irresponsabilidade de uma geração pagando um preço alto pela derrota das anteriores.

Aí vem o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto, o sétimo em *orgasmos múltiplos*...

Polifemo em Lilipute & outros contos é um livro de sonhos frustrados, lutas vãs, gozo “fácil”, onde o inusitado é o desfecho, onde o fetiche da enfermeira é a morte. E o descarado ainda ousa chegar ao último conto com um final feliz.

Andri vai construindo, com as variações lingüísticas do dia a dia, sua literatura de carne e osso com gosto de *pêssego na lata*; sarcástica, seca, hilária, cruel, de sensualidade explícita e onomatopaica, com uma linguagem espontânea que dá ritmo à leitura.

Ou seja, é carvão em brasa. Querem pôr a mão no fogo? Leiam!

e...

Fora Temer!

Leonel Delalana Jr.

O Sangue

Rodrigo Carreño é professor universitário. Ou, pelo menos, era. Afastado da Universidade, por conta do engajamento na luta armada, não sabe ao certo se continua professor, já que lá se foram sete anos. Deixou sua filha de cinco anos com a ex-esposa e se embrenhou Amazônia venezuelana adentro para aprender táticas de guerrilha. Sente saudades de casa, principalmente, da ex e da filha.

Paulina Carreño está sentada no sofá tomando chá com bolinhos de chuva junto a umas visitas de sua mãe. Uma das senhoras presentes lhe pergunta “*em qual ano você está na escola?*”. “*Sexta série*”, ela responde, monossilábica. A velhinha sorri simpática, enquanto Paulina leva a xícara de chá aos lábios, com o mindinho levantado, fazendo biquinho e mergulhando o olhar no líquido pálido. No mesmo momento, ela sente uma queimadura se alastrando até a virilha. O líquido vermelho mancha seu *short* branco. Seu rosto enrubesce como uma

rosa pequena, mas, como se mantém ocupada, procura não se martirizar pensando nisso. O líquido vermelho flui em suas entranhas.

Paulina diante de um beija-flor.

O exército fecha o cerco em meio à mata. Os revolucionários desferem golpes de facão, abrindo picadas. Eles conhecem o cenário como a palma da mão. O grupo se dispersa. Houve um tiro. Revoada de pássaros. Ouvem-se mais disparos. O vento sopra a folhagem da floresta. Um baque surdo. TUM! O rio que corre é rubro como a esperança de libertação.

A menina-moça coleciona bonecas, vê os meninos com outros olhos, se diz adolescente e deseja um estojo de maquiagem para o Dia das Crianças. Mantém um diário fechado com um cadeadinho dourado, aonde escreve centenas de vezes um nome masculino intercalado por coraçõezinhos vermelhos como o sangue que bombeia seu músculo vital.

O homem tem seus braços amarrados com a própria camisa. Agora está seminu. Sua pequena queria ser um avestruz para enterrar a cara num buraco. Se sente

nua. Seu companheiro de luta é forçado a cavar, tendo umas armas apontadas para si. Ela se debulha em lágrimas e é amparada por duas das senhoras que a conduzem ao toalete. Mas e a mãe, onde está a mãe? Ele conclui um buraco raso como a vida, com aproximadamente quatro palmos de profundidade. O suficiente para deitar seu companheiro de braços que acaba de ser alvejado pelas costas. A pequena poça de sangue é quente como a terra é quente e absorvente.

O Mundo é um Parque de Diversões

- olá?! Tudo bem, meu anjo?

- ãrran!

- é seu?

- não. Só cuido dele.

- ah!...

- sou babá.

- mas é a sua cara.

- imagina. Filho de rico. João Victor! Cuidado!

Desce daí, menino, você vai cair! Ai, ele é fogo!

- [com um sorriso nos lábios] você leva jeito com criança. Você tem filhos?

- tenho uma menina.

[silêncio]

- ah, que legal! E quantos anos ela tem? [ele é pai de 3 moleques]

- 4.

- tá na escolinha?

- ainda não. Fica com a avó enquanto eu trabalho.

- e o pai dela? Você... você é casada?

- Deus me livre! Não sei o que me deu na cabeça...

- ééé. Não é fácil. A vida é assim mesmo...

- ãrran!

- mas, mudando de assunto, você vem sempre com ele aqui no parquinho?

- de vez em quando. [pausa] quando minha patroa sai, ficar trancada naquele casarão com os outros empregados é o ó.

- sei...

- e você? Faz o quê da vida?

- [enchendo os pulmões] ajudo meu pai no escritório. [ele é motoboy] meu pai é empresário. [o pai dele está desempregado]

- hum. Então você é filhinho de papai! Oh! Tem gente que nasce com uma estrela na testa mesmo.

- não. Mas também não é assim, né. Dou um duro danado naquele escritório!

- e o que você tá fazendo aqui uma hora dessas então? [17:23]

- tô de folga... [pausa] quer saber a real?

- ?

- tava passando de *moto* e vi você aqui sentada no parquinho, sozinha, não resisti e vim tentar falar com você. Jurei que uma garota como você não me daria nem atenção.

- você é tarado?

- não! Longe de mim. É que eu achei você tão bonita... linda mesmo, sabe?! [pausa] linda não: você é MA-RA-VI-LHO-SA!

- magina! Você tá precisando de óculos.

- não. É sério! Fiquei de queixo caído com você! Você é um espetáculo!

- [levantando-se] João Victor! João Victor! Agora chega!

- AAAHHHHH! Só mais um pouquinho!...

- não! Vamos que a sua mãe tá pra chegar! Vambora! Vem cá preu calçar seu sapato!

- desculpe! Acho que assustei você, né?!

- não, tudo bem. É que você me pegou de surpresa. Tenho tantos problemas. Tava aqui perdida, coisas da minha cabeça, sabe?!

- ärran! Posso te ver de novo?

- claro! [pausa] você não é o Maníaco do Parque não, né?!

- não. Mas trabalhei com ele.

[risos]

- até!

[dia seguinte. Pouco depois das 17:00. No mesmo bat-local. Ele fez questão de estacionar a moto bem próxima *dela*]

- Oooii! Você veio mesmo né?!

- claro! Eu não falei que eu vinha? Se eu falei que eu vinha é porque eu vinha, certo?!

- arran!

- [colocando o capacete no banco, da outra vez tinha deixado no guidão da moto] posso te falar uma coisa?

- sim!

- [pausa estratégica] ah, não, você não vai gostar... não vai aceitar. Deixa pra lá!

- [curiosa] pode falar! Fala... João Victor!

- depois eu falo.

- tudo bem. [fazendo um muxoxo com os lábios]

está de folga hoje também?

- folgo sábado e domingo.
- gente coisa é outra fina, viu!
- não seria “*gente fin...*”
- é que eu gosto de falar invertido.
- tá quente demais hoje, você não acha?!
- todo dia! Um inferno! Ainda bem que na casa da

patroa tem ar-condicionado!

- humm, “*gente coisa é outra fina*”!

[risos]

- o tempo tá bom pra tomar um sorvete, né?!
- aii... nem me fale!
- que tal? Você aceita tomar um sorvete comigo?
- e o João Victor?
- tudo bem, ele vem com a gente também...
- na moto?
- [pensando] eu vou na padaria ali e trago os

sorvetes. Você quer de quê?

- ah, é incomodar demais você...
- morango? Chocolate? Coco? Limão?

[risos]

- milho verde!
- e o João Victor?
- ele gosta de chocolate.
- legal.

[alguns minutos depois]

- não tinha de chocolate. Trouxe de chocolate branco, tem problema? Será que ele...

- esse menino é uma traça. Ele parece um avestruz, come até parafuso se deixar. João Victor!

- ?

- quer sorvete, filho?

- ãrran! [correndo, escorregou, mergulhou na terra e abriu o berreiro]

- não chora não, meu amor, vem cá com a titia. Oh, meu Deus, olha só essa roupa! Você se machucou, coração? Deixa a Nena ver, deixa eu ver!

- [fazendo bico e secando as lágrimas no ombro da babá] a culpa foi sua! Você que fez eu correr!

- ah, essa é boa agora! Você sai desembestado e a culpa é minha! Quantas vezes eu falo pra você não correr que você acaba caindo e se machucando?! Agora quero

ver eu explicar pra sua mãe. [ela não vai nem ligar] quero ver a bronca que ela vai me dar!

[chuparam o sorvete e blábláblá. Riram e blábláblá]

- você já viu aquele filme? Como é que é mesmo o nome...? [estalando os dedos] ai, caramba, sou péssimo pra nomes! [desistindo] você gosta de assistir filmes?

- gosto. Não tenho muito tempo, chego em casa acabada e desmorono. Mas gosto sim.

- gosta de pegar um cineminha então...?
[levantando as sobrancelhas meio sacana]

- [pausa] eu nunca fui ao cinema...

- puts! Mentira! Cê tá brincando?!

- sério! Por que o espanto? Nunca fui ora!

[silêncio]

- a única oportunidade que tive, foi com as amigas da época da escola, mas meu pai não deixou.

- quer pegar um cineminha comigo?

- com o João Victor?

- ééé. Quer dizer... pode ser... tudo bem.

- não. [risos] Eu saio às 19:00. [atira longe o palito

de sorvete enrolado na embalagem, do outro lado do lago entre as árvores]

- te encontro aonde então? Pode ser aqui ou é muito perigoso pra você?

- não. Pra mim sem problema. Mas...

- o quê?

- eu nem sei seu nome.

- Flávio! [seu nome é Wesley] e o seu?

- Graça!

[apertam as mãos e Flávio [Wesley] avança o sinal, roubando três beijinhos]

[18:45 Flávio [na verdade Wesley] estaciona a moto no mesmo lugar do dia anterior, na calçada, mais distante do parque. Graça chega às 19:27]

- Oooi! Demorei? Desculpa, é que eu tava me arrumando...

- nossa! Tudo isso pra mim?

- ah, pára! Senão eu fico sem graça...

- UAU! Que delícia! Desculpe! Escapou...

[risos]

[na moto, ele saiu cortando os carros

ziguezagando feito um louco e a cada curva e ultrapassagem perigosa ela se agarrava mais a ele]

- [gritando] vamos no shopping!

- [também gritando] tem certeza? Muito cheio! Sei lá, perdi a vontade de ir no cinema!

- você é quem manda, minha deusa!

[acelerou e entrou com tudo no primeiro motel que encontrou. Desceram, tiraram o capacete e como ela não fez objeção, ele procurou agir naturalmente. No quarto, Flávio [Wesley] já foi tirando a camisa, ao mesmo tempo em que tirava os sapatos com os próprios pés. Graça ligou o ventilador e a tevê meio sem pressa. Ele deu um pulo no banheiro e quando voltou ela já estava deitada, nuinha, com uma perna esticada e a outra dobrada com o joelho pra cima, balançando]

“eu vou foder ela direitinho e vou sair fora” [Flávio [Wesley] pensou]

- vem, mas vem sem camisinha... [Graça sussurrou]

Armandinho 12 Cordas

- Armandinho, acorda, seu lixo!

- Ô Seu Alceu, não fala assim com o pobre. O senhor não tá vendo que ele...

- É isso mesmo, Artuzinho, não sou de qualé qualé não. Vagabundo comigo não tem vez!

Armandinho 12 Cordas era um exímio violonista, estudou violão clássico desde pequenininho com um seu parente, dele, um que tocava num conjunto de música de câmara, numa banda de jazz e outras bandas. Olhai o resultado: deu no que deu! Armandinho 12 Cordas era um compositor de mão cheia, mas tinha um azar da pÔrra: suas composições não chegavam aos grandes intérpretes. Quando conhecia um(a) vinha todo todo e até pagava uma rodada aqui no Boi Mia, fazia a maior festa, bebia até cair, o normal dele. Boi Mia, esse boteco de onde vos falo, ó freguesia! *Boi Mia, onde toda noite é dia!* Chegou a tocar com um e com outro na noite em troca de uns trocos, *mas quê nada*. Xiiii! Não virava. Torrava tudo

em puta e cachaça. Parecia o Garrincha. Até que a mulher largou e fugiu com um vigilante de uma boate onde o Armandinho tocava. Não güentou a embromação do tocador (de bronha, só se for), passou a mão nos catarrentos e se mandou diz que lá pras bandas de Mato Grosso. O pior que sobra pros parceiros ter que rebocar esse traste.

- Segura a cabeça dele, Artuzinho!

- Tô segurando, chefe, não tá vendo?!

Boa gente o pobre, mas cabeça dura, coitado. Vida do caralho a desses músicos vagabundos!

- Não fala assim não, Seu Alceu.

- É assim sim, Artuzinho! É assim sim! Ele tá te comendo? Parece advogado dele.

Eu sou dono e proprietário do meu estabelecimento, a boca é minha e eu falo do jeito que eu quiser na hora que eu bem entender. Essa é boa a do Artuzinho! Pensa que é o quê? Um bosshta! Mais essa agora! Essa é boa: defender vagabundo! Então! Mas onde é que eu tava mesmo?

- Na vida de caralho do artista...

- Artista uma ova! Artista sou eu que dou um duro danado aqui no meu estabelecimento e ainda tenho que aturar vocês! Artista uma pÔrra! Um vagabundo, isso é que ele é! Seis filhos no mundo e fica aí com graça com puta e cachaça! Cansei de dizer: música não enche barriga de ninguém.

- Mas e o Roberto Carlos?

- O Roberto Carlos é o Roberto Carlos ora. Dá pra comparar com esse trapo aí?! Vamo tentar levantar ele! Pega as pernas dele! Um, dois, uhh!

O Armandinho devia ser cantor viu, porque olha o tamanho da boca santa: vomitou dentro do violão e saiu esguichando que nem uma mangueira de bombeiro pelo corredor deixando um rastro até o banheiro. Lavou vaso, pia, lixo. Parecia aquela moça do *Exorcista*. É uma pÔrra mesmo! Quando acordar vou fazer ele limpar tudinho e com a língua esse viado! Se fudê, caraio! Tomá no cu! Sou babá de marmanjo agora?!

Armandinho 12 Cordas tava desacordado e tava assim porque tinha conhecido uma jovem cantora na crista da onda, música na novela e o esculhambau. Ele

quem disse, eu nem assisto novela, o meu negócio é jornal e futebol.

- Mas a tevê tá sempre ligada na novela aqui no bar, Seu Alceu. O senhor enxugando os copos com um olho nos clientes e o outro na novela.

- Ô Artuzinho! Mas é o caralho mesmo esse menino! Cê tá doidinho pra levar um pau né não?! Fala!

- Quê isso, Seu Alceu!

- Apois! Experimente, seu! Aqui serviu o Exército Brasileiro na fronteira da Amazônia com a Venezuela, rapá!

- E só deixava passar bicho, droga e arma se rolasse um cascalho...

- Mas ói pa cara! Cê tá abusado hein Artuzinho! Vô te contar viu! Grilo falante! Depois que eu terminar de socorrer esse jegue acho que vou ter que deitar você, cabra safado!

O Artuzinho é assim não é de hoje: come e bebe as minhas custas em troca de uma ajudinha no estabelecimento: faxina, fazer comida, servir os clientes, essas coisinhas... E fica aí com graça essa desgraça! Deixa

ele! Fica aí insinuando coisa de como eu consegui o dinheiro pra abrir o meu negócio.

- Com o suor do meu rosto, Artuzinho! Do meu rosto, tá entendendo?! Escutaqui, ô Artuzinho, já te falei...

- ...da sua tia distante...

- ...da minha tia distante, podre de rica, tá?, podre de rica, que Deus a tenha em bom lugar, e generosa que me deixou uma herança e pronto, só isso. Coitada... Pra seu governo, aqui tem bala na agulha viu! Não sou um quase-nada que nem você e esse traste aqui ó. Presta atenção, xarope!

Então! Parece que a *cantriz* – ele disse que a moça canta, dança, sapateia, fez novela, filme, boquete e os caralho: uma puta! – só sei que parece que ia gravar uma modinha *dessa coisa* aí, se envolveu com o desinfeliz – mulher é bicho besta mesmo! – “*minha musa*” pra cá, “*minha deusa*” pra lá... numa noite... devia tá drogada a desgraçada! ...prometeu gravar o raio da música do Armandinho, tinha tudo pra alavancar a carreira do cara. Sujeitim! Mas sabe comé quié né: quando o cara nasce predestinado, não tem jeito. Então! A dona caiu na real e

viu que o cara era isso aí que cês tão vendo e desencantou. Resumo da ópera: não gravou a pÔrra da música do pÔrra do Armandinho e caiu na pÔrra do mundo. Sumiu! Escafedeu! Tomou chá de sumiço. Tava inconsolável. *“Eu ia entrar no disco dela, tava tudo certo, não entrei no disco dela, Alce.”* Odeio quando ele me chama de Alce. Alce é você, seu viado! Cachorro! Uma puta! Mas que ele merece, merece! E merece mais! Uma pÔrra! Vai trabalhar não. Fica aí dedilhando puta e violão. Um caminhão de louça pra lavar, chão pra esfregar, banheiro pra limpar... Ele que não acorde não – músico! – vai ver só uma coisa.

- O senhor nem conhece a moça pra falar assim dela, Seu Alceu.

- Conheço o tipo! Só de olhar pra lata dela já vi tudo: rampeira e com cara de maconheira! Conheço essa gente de longe: uma bisca! Meu faro não falha.

- Seu Alceu, moça direita, de família...

- ...de família uma pinóia! Família de artista: uma orgia só. Mas peraí! Não vai me dizer que você também comeu, Artuzinho? Advogado dela.

- Quê isso, Seu Alceu! Só dancei com ela aquele dia, com todo o respeito. Sou crente, esqueceu?!

- Crente do cu quente, só se for.

- Sangue de Jesus tem poder! O senhor tinha é que aceitar Jesus, Seu Alceu!

- Ah vá, Artuzinho! Tô sempre com ele! [mostra o salmo 23 tatuado no antebraço] Não sou papa hóstia, não sou nenhum beija-mão de padreco. Deus tá dentro da gente e não em pÔrra de igreja! Você não viu no jornal não, aqueles casos de padre envolvido com pedofilia?

- Na minha igreja não tem padre, Seu Alceu. É pastor!

- Tudo farinha do mesmo saco! Lembra daquele pastor que rapou o povo, uns coitados, doméstica, pedreiro, apareceu com carrão, depois se mandou com o dinheiro e com a mulher do dono da padaria?

- Pro senhor ninguém presta mesmo, né, Seu Alceu?!

- Vale nada! Principalmente você e esse outro encosto na minha vida. Maldita hora que fui largar o Exército!

- Se tivesse lá até hoje já era general, Seu Alceu.

- Tá me gozando né, filhotinho de cruz-credo! Cheguei só a sargento porque o tenente Aciole passou a perna em mim. Cê sabe, já contei essa história.

- Mas o tenente Aciole tava com a razão: o senhor abandonou o posto.

- Uma pÔrra, seu moleque! Taí o que você é: um moleque! Cansei de falar pro Armandinho: você tem é que arrumar um empresário.

- Um *manager*.

- Que seja! Ele tinha que ter um cara pra administrar a carreira dele, um cara que tivesse os contatos. E ele: “*não quero ninguém tomando conta da minha vida; depois toma minha mulher, meu dinheiro.*” Que dinheiro! Que mulher, homem, pelamordedeus!

Melhor do que ser surdo. Cansei de dizer pra ele parar de se enfiar no meio desses vagabundos: poeta, ator, um bando de viado. Mas não. Teimoso! Não adianta falar. Não escuta. Olhaí: nocaute! É por isso que eu sempre digo e torno a repetir: músico dos bons e de respeito, só no Exército!

- E na minha igreja.

- É. E na igreja. Levanta mais essa perna aí, Artuzinho, e fecha o bico. Cuidado! Vai bater a cabeça dele aí!

- Mas o senhor que tá com a cabeça dele.

- Verdade.

- O Armandinho!

- Quê que tem?

- A música dele tá no rádio! Ela gravou!

Largamos o traste com tudo sem querer.

- Conversa!

- Papo sério! Tô falando...

[Cantarola junto:]

O vento veeem

O vento vaaai

O vento também pode sambar

[3x]

Só pra mim sopra você

[sopro do vento com a boca]

- Aumenta o volume, Artuzinho! Aumentaí! Tem certeza?

- Claro! Cansei de escutar o Armandinho tocando.

[Cantando junto:]

Se você vem

Eu vou também

Vamos de trem

Uai

Tá tudo bem

Tô tao tão zen

Te amo amém

Ai ai

- Cê tá brincando! Aumenta essa pÔrraí, Artuzinho!

- Calma! Cadê o botão?

- Em cima da pia. Aumentaumenta! Putz! Tamu rico, Artuzinho! Putaqueopariu! Vamu encher de artista isso daqui! Vamu tirar o Boi Mia da merda! Hahaha!

- Mas não é tudo viado?

- É viado, mas tem dinheiro! E eu desacreditando do Armandinho! Perdoa, Armandinho! Dá um abraço aqui, cês dois!

Pulamos de alegria, parecia que tínhamos marcado o gol decisivo em final de Copa do Mundo. Putaqueopariu! Iu! Iu! Iu!

- Pronto, tá decidido: agora você é meu sócio, Artuzinho .

- Eu? Sócio?

- Isso mesmo: você! Quem mais? Como você é bom de conta de cabeça, vai administrar a casa de *show*.

- Que Casa de *Show*?

- Calaboca, Artuzinho! 10% da arrecadação são seus.

- 20%!

- 15.

- 20!

- Tá bom: 20. Dá um abraço aqui!

- Então 25%!

- Ah, vai se fudê!

[Suuuucesssso no Top 10 do seu *dial*!]

O meu seu gen

Vira neném

Quando alguém

Me sai

Eu sou de quem

Sou de ninguém

E o quê que tem

Meu pai

- Mas que voz linda dessa moça! Que voz linda!
Armandinho, agora chega! Para de frescura! Sua música,
cara! Acorda, Armandinho! Vamu levantar ele!

- Que cara é essa, Armandinho!

- Não, Armandinho, não faz isso com a gente não.
Liga 190, Artuzinho!

- Pra polícia?

- Não, filho de Deus, pra ambulância! Rápido! Fala
comigo, amigão, fala comigo! PÔrrarmandinhoooooooo!

Sem sangue nenhum na cara. Pálido. Frio. Boca

roxa. Que sacana!

Me leva além

Quem vai aquém

Só vou a cem

Bye bye.

Fazendo o Serviço Bem Feito

ELE – e aí? Tudo bem?

ELA – tudo. E você?

ELE – melhor agora!

ELA [*“hummm!”*, pensou.] – quanto tempo você tem de empresa?

ELE – sete anos. E você?

ELA – 3.

ELE – ah, calça branca ainda. Um feto!

[risos]

ELA – posso te fazer uma pergunta?

ELE – duas!

[risos]

ELA – faz tempo que quero te perguntar.

ELE – digue.

ELA – você é todo branquinho?

ELE – todo branquinho.

ELA – puxa! Adoro branquinhos... Mas você tem cabelo no peito?

ELE – nada. Dois pra lá, dois pra cá.

ELA – humm.

[até onde vai isso? E ela fala com a maior cara deslavada, sem deixar de prestar atenção em seu serviço. Quem olha de longe vê dois colegas de trabalho tratando sobre assuntos pertinentes ao ambiente de trabalho. Mas vamos lá: solta a corda.]

ELE – mas por que você tá me dizendo isso?

ELA – sabe o que é, neném?

ELE – [*humm*, “*neném*”.] sei.

ELA – sabe?

ELE – não. Quer dizer, não sei. [trapalhão.]

[risos]

ELA – é que eu moro sozinha...

ELE – [*“humm”*, todo concentrado.]

ELA – ... e à noite eu deixo a janela da sala entreaberta pra circular o ar...

ELE – arran.

ELA - ... tem grade na janela...

ELE – certo.

ELA – ... aí o vento balança a cortina... [olhando dentro dos olhos dele] ... e eu fico com medo.

[pausa solene. Violinos.]

ELE – e você mora aonde, meu anjo?

ELA – [*hummm*, “*meu anjo*”.] na zona portuária.

[tarde da noite]

ELA – eu gosto de chupar e ser chupada. Eu gosto de ficar por cima, de dominar.

ELE – sou todo seu, linda. Seu servo, seu escravo.

ELA – gosto de quatro.

ELE – [simula espanto.] quatro homens?

ELA – nããã. [ri pensando na possibilidade.] dar de quatro, bobinho. Hahaha! Ai!

ELE – aahhh, tá! [fazendo de desentendido.]

ELA – só consigo gozar de quatro.

ELE – uuhhh! [choro de bebê vindo de outro cômodo da casa.] você tem filho?! Criança?! Você não tinha falado que morava –

ELA – deixa chorar. Vem cá, meu escravão!

ELE – não. Nããã. Nã. Perae! Cê falou que morava sozinha. É seu filho?

ELA – imagina! Só tô cuidando dela.

ELE – mas como, se a gente acabou de sair do

serviço?!

ELA – tá, seu chato! Desse jeito vai acabar cortando o clima. É minha filha, pronto! Tá contente agora?

ELE – sua filha? Bebê? Então você é casada?? ?

ELA – não, meu. Um rolo aí.

ELE – que rolo, menina?!

ELA – [*“menina?!”*] o pai tá preso.

ELE – preso? Cê é louca?! Ah, meu deus, tô frito!

ELA – esquentá não. Ele não precisa ficar sabendo.

Vem cá!

ELE – mas alguém pode ter me visto entrar aqui com você!

ELA – relaxa... E se viu também, qual é o problema?!

ELE – *“qual é o problema?!”* nossa! Você é muito sossegada! Pode cair no ouvido dele, daí eu tô fudido!

ELA – como você é cuzão! O cara tá preso. PRE-SO! [fazendo sinal de jogo da velha cruzando os dois dedos de cada mão.] Entendeu ou quer que eu desenho?! Se eu soubesse que você era tão cagão...

ELE – os caras têm celular na cadeia. De lá manda

matar em dois palitos. [vestindo a primeira perna da calça.] vou embora! Sai fora, meu! Tava bom demais pra ser verdade. Quando a esmola é demais...

ELA – ah é?! Então quer dizer que você não vai segurar o rojão?! Começou, agora termina! Ou vai me deixar aqui na mão?! [começa a bater siririca.]

ELE – [está tão apavorado – o bebê aos berros – mesmo que fosse prédio, acho que saltava. Vai até a porta: trancada. Volta. Vê a chave apertada entre os seios dela. Não resiste. Tá no inferno abraça o capeta.]

OS DOIS – trepa trepa trepa humm pau pau pau chupa chupa assim assim isso asssiiiiiiimm mete mete mais enfia tudo nessa pÔrra ai ahh caralho gostoso a pÔrra toda vai vai vaaai mais mais eu quero mais enfia enfia tu-dooo não pára não caraiôôô puta queu pariu vai se foder tomar no cu buceta gostosa da pôrra aahhh aahhh aaaaaaaahhhhhhhhhhhhhh

ELE – [fica estrebuchado na cama.]

ELA – [levanta e vai dar atenção pro neném.]

ELE – [dá uns cinco minutos nele, levanta, vai até a sala, um frrrrio, olha lá fora, a rua escura, nem alma

penada, fecha a janela, limpa o pau na cortina e vai no banheiro. Olha pro vaso mas mija na pia. Fita o espelho oxidado do gabinete.] filha da puta!

Fora Temer!

Saltei da cama como todos os dias quando o despertador do celular marca 03h30. Troquei de roupa, ou melhor, pus uma roupa, pois só durmo vestido de Adão. Tomei um café com leite e comi umas bolachinhas, como de praxe. Preparei a mochila, escovei os dentifrícios, beijos nas crianças e na esposa, despenquei escadaria abaixo do prédio, um "*bom dia e bom trabalho*" pro porteiro que me respondeu "*Fora Temer!*" e ganhei a rua.

Subi no ônibus, cumprimentei o motorista que me fez um sinal de jóia e falou em alto e bom som: "*Fora Temer!*"

Chegando ao trabalho todos os colegas que cruzaram meu caminho a que cumprimentei me responderam com um sonoro "*Fora Temer!*" Foi um dia estranho porque não parou por aí.

Ao chegar em casa para almoçar, minha esposa e até as crianças – "*Fora Temer!*" Antes de ir para a Faculdade de Esquizofrenia, no caminho, tive que dar

uma passadinha no banco para pagar umas contas. Ao invés do tradicional "*bem vindo*" na tela do caixa eletrônico, adivinha? Isso mesmo: "*Fora Temer!*"

Os colegas da faculdade, claro que aí não foi surpresa, me saudaram com o famigerado "*Fora Temer!*" E isso se repetiu como um mantra, proferido pela tia da cantina, o guarda da portaria, professores, enfim, funcionários em geral. Curioso que o professor de espanhol, a disciplina do dia, iniciou e concluiu a aula com um "*Fuera Temer!*"

Fora Temer!

Fora Temer!

Fora Temer!

Mas o mais inusitado foi quando, na hora de ir embora, a caminho do ponto, andando a passos largos como sempre devido ao avançar da hora, me vi sozinho. Não havia viva alma nem a minha frente e nem atrás de mim.

Estranhei, mas continuei seguindo até o ponto. O ponto, geralmente abarrotado, apinhado de estudantes, se encontrava deserto. "*Beijos de luz!*", pensei e aguardei meu

ônibus.

Eis que de repente não mais que de repente um facho de luz brotou do céu. A princípio divisei uma nuvem, mas na verdade era um OVNI, sim, isso mesmo: um senhor disco voador, um *big* objeto voador não identificado, uma nave espacial de resposta, um trenzão digno de Dana Scully e Fox Mulder. Não fiquei com receio de ser abduzido porque afinal nunca acreditei em extraterrestres. Continuei mascando meu chiclete [esqueci de mencionar que eu estava mascando chiclete] e deixei vir. Vinde a mim os homenzinhos verdes!

Os alienígenas não se fizeram de rogados e vieram. "Ufa!", bufei. *"Aff, já estava meio cansado de ficar aqui sozinho. Ufo!"*

"*OND3 3574 0 53U L1D3R?*", o líder dos Aliens perguntou.

"*Que mané líder, rapá, eu lá tenho cara de quem tem líder?! Tenho líder pÔrra nenhuma não - eu sou universitário!"*

"*OK! N05 L3V3 40 53U L1D3R!"*

"*Tá tirando, Lanterna Verde? Baixa essa luz aí que*

eu vou acabar perdendo o meu busão!"

*"COMO 3L3 53 CH4M4? N05 QU3R3M05 O 53U
L1D3R P4R4 D351N73GR4-L0! "*

*"Ah, sim, o meu líder! Até, claro, que cabeça a
minha! Por que não disse isso antes? O nome dele é Fora
Temer!"*

Ela e o Leitor

Ela era uma gata... Por que "*era*"? Não: ela *É* gata! Vestindo um vestido curto, pretinho básico, tipo tubinho, bem colado, marcando todo seu corpo, parece até que está sem calcinha. Metrô, linha vermelha. Ela está de olho num cara com a cara enterrada num livro, mas não consegue ler o título ou ver a capa, de forma que isso atíça ainda mais a sua curiosidade. Ela tem o maior tesão em caras que lêem, tesão por leitores. Por isso ela se aproxima um pouco mais, se mete entre ele. Ele está concentrado na leitura, mas a sua antena de macho detecta a presença feminina. "*Macho é tudo lixo, mas pelo menos um leitor ainda pode ter alguma coisa na cabeça*", pensa.

O metrô para na estação Sé exatamente às 18h e qualquer coisa da tarde/noite na linha vermelha, a cavalaria invade e ocupa todos os vagões, toca o sinal e as portas se fecham. Ela fica espremida junto ao seu alvo fácil. Ela é a *mulher aranha* e ele não passa de uma *mosca*

em sua teia, dando sopa no seu prato. Ela sorri, de frente pra ele. Agora de costas, coloca os cabelos para trás da orelha mais a vista do leitor. E por falar nele, em meio ao corre-corre, espreme- espreme da cavalaria que invade/ocupa o vagão, ele abandona a leitura, fecha o livro e o conserva no bolso traseiro do jeans. Ela se deixa empurrar de forma que os dois ficam unidos, colados, dois corpos ocupando o mesmo espaço. Ela mexe levemente a cintura duas vezes como a se ajeitar. Ela sente a ereção e ele percebe que ela percebeu.

Passadas duas ou três estações, ele desembarca e ela resolve desembarcar também. Segue no seu encalço. Ele avança rápido e ela atrás, lépida e faceira. Por onde ela passa deixa seu rastro, um lastro de perfume. Pescoços viram, homens-coruja. E o leitor eleito nem imagina, nem sonha ou passa por sua cabeça avoadada de rato de sebo que seja ele *a próxima vítima*. Ingênuo e inocente que é, transpõe a linha de bloqueio e alcança a rua. Ela idem. Ela atravessa para o outro lado e aperta o passo, até alcançá-lo e ultrapassá-lo. A mulher aranha – agora mulher-coruja – agindo como os homens, entorta

levemente o pescoço para trás na direção do leitor voraz. Antes da terceira vez, ele nota e reconhece nela a moça do metrô. Nova ereção. Para. Olha para os dois lados: rua deserta. Então atravessa.

Durante a abordagem, tenta abrir a boca pra soltar alguma besteira e ela toma a dianteira e tasca a língua em sua garganta.

Próxima parada, motel mais próximo urgente.

- camisinha não, dodói. Eu não chupo bala com papel.

Na parede um quadro com a foto de uma lareira acesa.

Corpos suados, ele exausto, ela nem tanto. Ela acende um cigarro, cética, seus olhos sorriem. Resolve puxar assunto:

- o quê você estava lendo? [Assopra a fumaça em sua direção.]

- "*o quê*" o quê?

- que livro você estava lendo? Vi que estava lendo um livro no metrô, que livro você estava lendo?

- ah! Este! [Estende um volume amarfanhado, um

livro de bolso.]

- velho misógino, escritor escroto! Se eu soubesse que fosse esse... [Bafora zeros do vazio interior.]

- é o meu autor favorito.

- e eu estou lendo, terminando, na verdade relendo este aqui ó. [Tira da bolsa e atira na cama.] *Diário da Fábrica* de Simone Weil.

- nunca ouvi falar.

- ela abandonou uma carreira acadêmica promissora pra trabalhar numa fábrica, pra vivenciar o que as mulheres proletárias passavam... Passam. [Ele dá uma conferida na capa e estende o livro de volta pra ela.]

- o feminismo termina na hora de pagar a conta no restaurante.

- como?

Ele ensaia rir, mas vira o rosto na direção da janela e se contém.

Ela recolhe suas roupas espalhadas pelo chão, faz menção de se trocar, mas muda de idéia. Mergulha na cama a seu lado e sussurra em seu ouvido:

- pede uma bebida que eu fico com muita sede

depois do sexo.

Ela levanta e caminha como uma gata balançando o rabo até o banheiro, enquanto ele deixa a mão cair sobre o telefone e pede duas brejas.

Ele acompanha interessado o som do xixizinho dela porque deixou a porta aberta. Nova ereção. Um toque na porta e ele salta da cama. São as cervas. Serve dois copos.

Ela volta, cai na cama e aninha a cabeça no peito dele. Ele enterra o nariz nos cabelos dela e encosta a ponta da língua em seu ouvido.

- você sempre faz isso?

- isso o quê?

- ora, isso! Você costuma abordar os... abordar os caras... entende?

- como assim "*os caras*"?

- ...

- ah, entendi. Quer dizer que eu sou uma vaca, galinha, piranha e...

- não, eu não quis dizer isso. Desculpe.

- mas pensou.

- eu não sei o seu nome.

Pensa. Pensa. Pensa. Apaga o cigarro no colchão e deixa a bituca cair no chão.

- eu que não quero nem saber o seu nome. Se eu tiver um filho seu vai se chamar Anônimo da Silva.

- que filho, meu?!

- eu tô no meu período fértil.

[Pausa.]

- mas não esquentar não, nós não vamos nos ver de novo nunca mais. Assim espero.

- não, também não é assim...

Agora é a vez dele de ir ao banheiro. Fecha a porta e demora uma cota lá dentro. "*Porco!*" Volta de cueca.

Ela continua nua. Agora com um sorriso estúpido estampado nos lábios. Medusa venenosa.

Terminam a cerveja.

Ele apaga.

Dia seguinte, acorda sozinho meio zozinho. Sobressaltado, lembra da carteira. Procura, procura e encontra a dita-cuja, confere: documentos, dinheiro... Tudo ali.

Levanta cambaleando, chuta o pé da cama e

tateando a parede vai até o banheiro onde visualiza em letras garrafais no espelho escrito de batom num vermelho gritante: "*bem vindo ao mundo da AIDS, seu broxa!*".

Orgasmos Múltiplos

Logo que entraram no ônibus anunciaram o assalto. Os dois estavam armados. O maior dominava a situação. Bateu com o berro na tampa da gaveta do cobrador e segurou-o pelo queixo espremendo seus lábios, fazendo-o fazer boca de peixinho.

“Vamu zuá!”

“Segue reto e pisa, piloto! Parece uma lesma manca! Até minha vó dirige mais rápido que você!”

Escolheu um passageiro ao acaso, um homem de cerca de 30 anos.

“Seu cu é peludo? Sua bunda é branca? Eu vou comer seu cuzinho, grandão. Como você chama, mané? Eu gosto de falar o nome quando tô trepando. [pausa.] Comé o seu nome, viado?!”

“Dimas.”

“Ô Dimas, você é dimaísss! Ô Diminha, baixa a calça e olha pra lá porque você é feio pa caraio, meurmão. Não tem uma bandeira do Brasil aí não, Pivete?”

Pivete parecia que estava descascando cebola, pois chorava de rir.

“Chupa e assopra porque esse dente de égua vai acabar machucando o cogumelo do meu pau. E ele é sensível, viu, querida. Agora vem cá, putona! Chupa com gosto, viu. Se morder te dou uns pipoco.”

O Chefinho falou pro sujeito ajoelhar e chupar sua piroca.

Ajoelhou tem que rezar. Paralisado, em estado catatônico, não tinha boca pra nada o coitado. Sua alma subiu. Acompanhava o discurso sarrista do Chefinho, humilhado e ofendido, batendo na altura da cintura do delinqüente exibicionista, mas que até então não tinha sacado pra fora seu brinquedinho.

“Ei, você aí! Isso, você mesmo, piranha. Filma a bagaça aí, ô baranga! Filma e joga no YouTube! Filma eu, Galvão! Istrupa, mais num mata. Quem falava assim, Pivete?”

O Tico brigou com o Teco e a cuca fundiu.

“Maluf”, alguém soprou.

“Eu não falei com você, sua bicha! Você chama Pivete

por acauso?!”

De repente o ônibus começou a sacudir, a chacoalhar pra cá e pra lá, o que fez com que o Chefinho mudasse de idéia.

“Pensando bem, eu vou é comer seu cu, ô coisa feia.”

Mantinha a arma apontada pra cabeça do passageiro. O ônibus descontrolado subiu com a roda dianteira na calçada. O cobrador fez menção de sair da catraca, mas foi interpelado pelo Pivete.

“O motorista tá passando mal, o cara é cardíaco, tá ligado?!”

O motorista com a cara no volante, o ônibus no piloto automático.

Pivete autorizou o cobrador a substituir o motorista. Mas o ônibus já se encontrava desgovernado, rua de paralelepípedos abaixo, sem rumo, seguindo direto pro inferno. Então o *cobra* tacou o pé no freio e o Pivete foi arremessado deixando a arma cair no chão. Um dos passageiros, um senhor de 73 anos, pegou a arma e dispensou na lixeira.

O Chefinho bateu com a cabeça no balaústre,

lesionando a testa e ocasionando um pequeno corte, mas que foi o suficiente para cegá-lo com o sangue escorrido.

Se aproveitando da situação, o jovem ajoelhado levantou num salto e acertou um soco em cheio na boca do estômago do Chefinho, tomando a arma de sua mão. O sangue subiu e as veias do pescoço até a cabeça pareciam que iam estourar, pois seu cérebro inchou. Enfim, enfiou o cano da arma na boca do trombadinha e sapecou o dedo no gatilho uma duas três vezes sem dó. Seu cérebro explodiu de tanta raiva: a arma era de brinquedo.

Pivete ninja saltou da janela, parecia que nunca tinha feito outra coisa na vida, um profissional, e saiu em desabalada carreira, catando cavaco e largando seu parceiro do crime.

“Que cuzão!”

“Agora já era, seu comedor de macho!”

“Lincha! Lincha! Lincha ele!”, gritou uma mulher lá do fundo.

Eu não conseguia raciocinar direito. Eu podia ter fingido, ter segurado o celular sem acionar o *rec*. Mas não. O

pânico tomou conta de mim de tal forma, que obedeci feito um cachorrinho: filmei a humilhação do rapaz, após a limpa do caixa e de alguns passageiros, e o motorista infartado. Por causa da freada brusca, perdi o celular, que caiu da minha mão, mas logo o recuperei e continuei filmando: o revide do rapaz, a fuga do menor pela janela e, por fim, o linchamento.

Acontece que, depois disso, a curiosidade mórbida despertada por filmar a desgraça alheia se tornou uma constante para mim. Não posto no YouTube ou nas redes sociais como o assaltante disse pra eu fazer, mas virou uma espécie de fetiche. Na hora, sinto um misto de excitação e prazer e depois repulsa. Tremo todo, fico todo ouriçado. Por isso fiquei viciado em fazer esses vídeos e assisti-los a exaustão, em casa, sozinho. Não tenho idéia da quantidade de vídeos que produzi; repletos de acidentes de trânsito com vítimas fatais, suicídios, trocas de tiros entre bandidos e policiais, tumultos em manifestações, velórios e enterros, animais atropelados, matadouros clandestinos [parece *Faces da Morte*] e também bêbados e mendigos, travestis e prostitutas,

troladas em geral.

Eu não consigo evitar, é mais forte do que eu. Se eu estiver no lugar certo e na hora certa, não tem jeito: saco meu celular e filmo. Depois descarrego tudo no micro e assisto centenas de vezes todos os dias, altas horas da noite, madrugada adentro, até gozar.

Os Gorilas

Cumpre não nomear os personagens para não serem identificados e assim não causar constrangimento a seus familiares e amigos. S. era o típico playboy, bem apessoado, sedutor, centrado, um sorriso sempre estampado no rosto. Adepto de esportes radicais, praticava, dentre outros, *windsurf*, asa-delta, parapente, alpinismo, *bangee jump*, paraquedismo e suruba.

Seu melhor amigo dos tempos da faculdade era Z. Z era completamente o oposto de S: em primeiro lugar, não tinha aonde cair morto, haja vista que já tinha passado dos 30 e ainda morava com os pais. De seu tinha apenas um carro caindo aos pedaços, se é que se podia chamar aquela batedeira de "carro". Z virava noites assistindo a séries e assaltando a geladeira. S tanquinho, Z pochete.

Ambos tinham em comum a queda por bebida e mulheres. Fazia um tempão que não se viam quando se trombaram por aí. Entabularam conversa, rememoraram

os bons e velhos tempos de *facul* e logo S convidou Z pra dar um rolê, uma saída a quatro, pois as gurias estavam no papo. Por uma fração de segundo Z lembrou que tinha um compromisso sério com aquela série, mas, de cara, topou.

No dia combinado, no local combinado, ao cair da tarde, S apanhou Z em seu conversível esporte automático e o esculhambau na porta de sua casa. Mal Z se sentou S ligou o turbo fazendo com que Z colasse na poltrona ao mesmo tempo em que a porta bateu com tudo com o arranque da super-máquina.

Depois de meia hora cortando os carros como num autódromo, S deixou a cidade e embrenhou por uma autopista rumo ao desconhecido. As garotas, uma loira e a outra morena, já estavam deliciosamente prontas aguardando num local determinado. "*OIEEE!*", disseram em uníssono. "*Olá, vocês vêm sempre aqui?*" [risos.] Z saltou para trás com a morena, enquanto a loira se sentou na frente com S, que pisou cantando pneus *Uhhhhuuuuuuu* cabelos ao vento como nos piores filmes. Ambas estavam vestidas para matar: minissaias gêmeas e

miniblusas idem. "*Vocês vão cantar aonde?*" [ri ri ri.] Na primeira curva, saíram da autopista e seguiram levantando poeira por uma estrada de terra, beirando fazendas e ao passarem por um bosque de bétulas, a loira tascou a mãozinha cheia de dedinhos na coxa do heroi, baixou o zíper zip zip ziiip, com dois dedinhos colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha esquerda e com a outra mãozinha do zíper sacou o menino pra fora e caiu de boca. No banco traseiro Z, tentando quebrar o gelo, se aproximou, passou o braço por detrás da morena como a envolvê-la num grau de intimidade intimidatório. Ela recuou erguendo os bracinhos chocalhantes de braceletes e tirou um fiozinho de cabelo da boquinha.

S embicou o possante de frente a um grande portão antigo, desses de castelos medievais, saltou a porta do veículo para arreganhar o portãozão. Dirigiu na maciota por cerca de cinco minutos nas dependências da propriedade até que finalmente visualizaram o casarão. Uma casa velha e imponente, sem sinal de vida. Apenas as árvores respiravam ao sabor do vento. S venceu a dificuldade com a fechadura e logo estavam todos lá

dentro. O piso de madeira rangia conforme a música de suas passadas.

S deu um salto por trás da loirinha, que deixou escapar um agudo, agarrou-a pela cinturinha conduzindo-a pela escadaria ao piso superior. A moreninha seguiu faceira e logo atrás Z com a cara quase enterrada em seu rabinho insinuante.

Depois que Z contou cinco quartos, perdeu as contas, mesmo porque estava com os olhos vidrados e as mãos ocupadas.

S escancarou a porta maciça do quarto principal - principal porque era aquele que iriam utilizar - descortinando um espaço amplo e arejado por duas janelas enormes voltadas para o bosque e as montanhas ao fundo. Embora pobre de mobiliário, pobre no sentido de escassez: somente uma cama de casal ornada por um véu de rendas presas a um dossel, às quatro colunas do espaldar ornamentado por feras esculpidas na madeira. Oposto à cama, ao lado da porta de entrada, um senhor guarda-roupa de madeira de carvalho com detalhes florais, semelhante a uma grande caixa, um caixão.

S se livrou das roupas de velcro num átimo e *tchibum* na cama, vestido de Adão. As duas gurias se empoleiraram na cama simulando *poledance*, cada uma delas em um espaldar. De frente uma para a outra, elas se ajudaram a se despir bem devagarzinho: primeiro atiraram longe os saltos altos, depois uma retirou a miniblusa da outra, os sutiãs de bojo rendados, com os polegares desceram as minissaias apertadas com certa dificuldade, o que lhes permitiu um leve jogo de cintura e por último, e não menos importante, aquelas microscópicas pecinhas de rendinha responsáveis por tantas crianças e casamentos desfeitos no mundo. Uma bitoquinha e um sorriso nos olhos, sapequinhas. Bigodinhos *à la* Hitler, as saradinhas.

A loira se ajoelhou tendo o tórax de S entre as pernas. S a segurou firme pelas ancas e umedeceu seus grandes lábios com a ponta da língua em movimentos ligeiros como os de uma serpente. A morena se pôs de quatro trabalhando gulosa em seu *pinctus erectus*. Por trás dela, Z animou-se, embora se atrapalhando entre a rosa e o botão. Mas só bastou que encontrasse o caminho, a

morena se desvencilhou e sentou de vez na bengal chupada, pulando como uma gazela. Z ficou de vela, a ver navios, chupando o dedo e, por isso, ajoelhado no chão, lambeu os dedinhos dos pezinhos dela, babando pelo tornozelo, batatinha, joelhinho e a coxa em movimentos circulares e de retorno até as pontinhas dos dedinhos.

Arrombada de dentro pra fora a porta do caixão e do interior do guarda-roupa saiu outro guarda-roupa: um brucutu, um brutamontes, um troglodita, um gorila, com uma ereção daquele tamanho, sabugo de milho descaroçado com o cogumelo roxo e babado, muriçocas ao redor, nervoso que só o cão virado no *jiraya* munido da espada *vorpai* de azagaia; saltou *the flash* usando as costas de S como trampolim e caiu sentado sobre os ombros da loirona que tomou um *chão chão chão chãchãchão*. A morenaça tentou correr pra porta, mas foi segurada pelo tornozelo. O monstro bateu diversas vezes com o pé da pirralha na cara de sua colega, apoiou um joelho em sua coluna enquanto agarrou a loiruda pelos cabelos, arremessando sua cara de cavala no espaldar do *poledance* e esmagando seu crânio como uma melancia

caída de um caminhão de feira. Cadê S nessa hora? Feito *homem aranha* de minhoca murcha de fora escapuliu pelo janelão e escorregando pelas folhas acumuladas no telhado, foi dar no jardim. Z cuzão estava paralisado, petrificado, suas pernas bambeavam, não conseguia nem se mexer.

O homenzarrão estragou o rostinho angelical da loira até que um chumaço dos cabelos dela se soltasse da cabeça e ficasse preso em sua mão de marreta. Desmaiada, partiu pra morena, já sem ação, sufocada pelo peso de seu corpo. Lembrou-se da espada de samurai e decepou seus braços e suas pernas como quem destroça um frango. O ogro se sentou encostado na parede, servindo-se de um dos braços dela e com seus dentes, tal qual colunas de pedra, mordeu, despedaçou, sorveu e mastigou a carne succulenta da morenuda ainda quente. Atirou uma perna para S apatetado que não viu outro jeito senão experimentar tal iguaria.

Isso é somente uma pequena amostra do que nós gorilas fazemos com elas desde sempre.

A Lata de Pêssego

Paulo M. era papa Mike. Ensino médio completo, diga-se de passagem, mais futebol do que estudos. No entanto conseguiu a muito custo passar no concurso público da PM. Quando ingressou na corporação, o prefeito era o Paulo *“a rota na rua, estupra, mas não mata”* Maluf.

Putá machão, casou-se duas vezes. Ou melhor, só casou mesmo na igreja e no civil, tudo bonitinho, com a primeira esposa; com a segunda, como se diz, só juntou as escovas de dente. Pai de cinco filhos, sendo três do primeiro casamento e dois do segundo relacionamento, separou-se recentemente pela segunda vez. Depois da separação dizia que não queria mais saber de mulher *“vou virar viado”*, fazia troça virando qualquer um que estivesse ao alcance das mãos. Daí voltou a morar com a mãe. *“Se mulher fosse bom, Deus tinha uma.”* Mas e a sua mãe? *“Minha mãe não é mulher – é minha mãe!”*

Aos fins de semana batia uma bola com os parceiros da academia. Mesmo com aquela protuberância

caindo em cima do calção, não perdia uma pelada no campo ou no *society* e assim conseguia, com a ajuda dos amigos, colocar a cabeça no lugar.

Paulo M. era *otoridade máuxima* 24 horas por dia. Quando estava de folga, faça frio ou faça chuva, volta e meia era chamado, a qualquer hora do dia ou da noite, para resolver brigas de vizinhos ou de marido e mulher. Ia desarmado e botava respeito com seu vozeirão explosivo, chegava lá e resolvia só no *plá*.

Contra o comunismo, apesar de não entender direito nada sobre política, antipetista roxo, era a favor de Trump, Temer, Alckmin, Doria, Bolsonaro, Frota, a tropa toda e aderentes. Quando o prefeito mauricinho se uniu ao Governador do Estado, Picolé de Chuchu, instaurando o *macartismo* e autorizando a violência policial, a perseguição implacável e institucionalizada aos coletivos de negros da periferia, aos vendedores ambulantes, aos moradores de rua, aos usuários da cracolândia, aos pichadores e grafiteiros, aos estudantes secundaristas, às meninas do movimento feminista, aos *sk8istas*, Paulo M. acatou de tal forma o desejo das autoridades que,

apaixonadamente, despertou em si um ódio mortal de forma a não poupar porrada em menores e minorias.

Participou do “*Junho de 2013*” junto à tropa de choque. Para ele o Movimento Catraca Livre, Black Blocs, punks anarquistas, universitários maconheiros são todos farinhas do mesmo saco. [E somos mesmo: anticapitalistas e contra a repressão. Não adianta, não nasci para ser carneirinho. Por isso canto em versos livres.] Quando estudantes secundaristas ocuparam mais de mil escolas no país em protesto contra os cortes do governo na educação pública; quando os secundas começaram a empunhar bandeiras e cartazes e a pichar nos muros das escolas FORA PM, Paulo ficou no veneno pra dar uma lição nessa molecada. Se pudesse tacava uma bomba. Não tinha conhecimento suficiente para analisar a conjuntura; recebia ordens e toda a informação vinha de bate e pronto do telejornal global. Não refletia. “*Não gosto de pensar. Pensar dói a cabeça. Pra quê filosofia? Filósofo é louco e poeta é tudo bicha.*” Ele dizia “*biba*”. “*Essa molecada tem que estudar.*” Não passava pela cabeça dele que era exatamente isso que os jovens estavam cobrando

das autoridades e angariando apoio de vários setores da sociedade. Para isso ocupavam – e não *“invadiam”* – as escolas que por lei pertenciam a eles, para isso é que clamavam por um ensino de qualidade.

Apoiou o gigante pato amarelo de três mil reais do empresariado paulista em frente ao prédio da FIESP. Achou lindas as bandanas verdes e amarelas e as famílias bonitas passeando pacificamente – o sorriso da sociedade – tremulando a bandeira nacional. Foi a única vez que foi aplaudido em serviço.

Paulo M. tinha o maior apreço pelo poder. Homens poderosos, tanto os heróis dos filmes de ação quanto os homens da vida real, aqueles que por onde passavam encontravam as portas abertas sem precisarem esticar as mãos. Homens públicos como políticos, empresários, juízes, promotores. Não gostava de artistas, mas reconhecia o poder que exerciam. Assim que um grupo de rock cantou *“polícia para quem precisa”* e um grupo de rap colocou a cereja no bolo com *“polícia raça do caralho”* passou a desconfiar dessa gente. O homem mais poderoso com quem tinha contato diário era o delegado, o Doutor

Delegado. Sentia por ele um misto de respeito e inveja. “*Quem mandou não estudar?!*”, dizia a si mesmo. Seu sonho era se formar em Direito e um dia chegar a Secretário da Segurança Pública. Ia ser linha dura, não ia dar moleza. Pipocavam idéias em sua cabeça e vivia compartilhando-as com os colegas que não faziam comentários, mas o ouviam com todo respeito. Por isso continuava reproduzindo seu discurso, atirando “*pérolas aos porcos*” e “*palavras ao vento*”.

Lembra com saudosismo que o rito de passagem foi brincar de tiro ao alvo com cães vadios, cachorros de rua sarnentos, mais mortos do que vivos. Via os colegas de farda como um verdadeiro exército da Marvel avançando, sempre avante, sem titubeios, sem nunca recuar, com o único propósito de manter a ordem defendendo a honra da família, da igreja e do Estado. Ficava sempre em QAP em shows, saídas de casas noturnas, em estádios de futebol, manifestações e passeatas.

Membro de vários grupos no *whats app* – ele dizia “*zap zap*” – inclusive o da corporação onde compartilhava com os colegas vídeos e fotos pornôis, de mulheres e

adolescentes nuas, de bêbados, mendigos, travestis e prostitutas em situações tragicômicas, mulheres e adolescentes sensualizando – ele chamava de “*novinhas*” –, vítimas de acidentes fatais e, para resumir, criminosos mortos durante ação policial. Enfim, estereótipos a parte, não é preciso pensar muito para conversar com um policial.

Gabava-se de possuir um Porsche marrom (?) que pertenceu a um traficante morto durante uma troca de tiros. Após quase um ano no pátio da delegacia, o Dr. Delegado liberou para seu uso particular. Sobre o carro esporte repetia de boca cheia: “*feito a pedido do Hitler*”.

Paulo M. não fugia a regra: tinha o perfil do policial médio brasileiro, protótipo de uma das polícias que mais mata no país e no mundo.

Arma no coldre do lado esquerdo da cinta, gás de pimenta, cassetete do lado direito, nome de guerra no peito + o tipo sanguíneo, quepe impecável, coturno engraxado e cara fechada como *Stallone Cobra* ou o *Exterminador do Futuro*. Para ele, a população pobre, o civil, o cidadão comum, qualquer um deles podia ser um

bandido em potencial.

Resumindo: tirando o que não prestava até que era boa pessoa. Pronto, falei e saí correndo. Só que não. Apresentada a *persona* principal da nossa ação, agora que você já sabe a quem me refiro, vamos aos fatos.

Primeiro QRU

Nos últimos seis meses ficou escalado na rua de maior movimento comercial da cidade e já tinha se familiarizado com boa parte dos comerciantes e dos ambulantes locais. Conhecia pelo menos de vista cada morador de rua – ele dizia “*mendigo*” – trombadinhas e a malandragem em geral. Isso não o impedia de reservar um tempo para paquerar aquela “*loirona bunduda*” – como ele mesmo definia ao comentar com os parceiros –, caixa de uma loja de departamentos. “*Anelzão grosso no dedo: casada, mas não tá morta.*” Durante uma batida policial, Paulo M. em meio a uma espécie de arrastão da lei, ao abordar Pato Morto, o líder dos camelôs, rolou com ele no chão tentando a muito custo algemá-lo. A equipe em apoio cercou o infeliz e golpeou-o com tanta borrachada e

coturnada que o camelô parecia um pedaço de carne ambulante. Paulo M. acabou sendo acertado pelos dois lados e também revidando às cegas, sobrou até pra uma tiazinha que estava moscando por ali. Moeram o Pato Morto na pancada e os populares, presenciando a cena, se revoltaram contra os policiais. *“O cara é trabalhador! Deixa o cara trabalhar! Vão caçar bandido!”* Para defender o parceiro que rolava no chão na tentativa de algemar o elemento, foi feito um cordão policial em torno dos dois. O povo sacou dos celulares e começou a filmar. *“Bota no YouTube!”* Para dispersar a multidão que se aglomerava para tumultuar ainda mais a situação, fizeram uso do gás de pimenta. Alguns transeuntes passaram mal, escorandose nos postes, nas portas das lojas, nos muros e gradis, na banca de jornal, tossindo, soltando os bofes pela boca, de olhos vermelhos lacrimejantes, irritadiços. Atéquenfinalmente enfiaram o meliante na viatura, ligaram as sirenes e acelerando em meio à multidão que se acumulava na rua, avançaram a viatura contra os pedestres e saíram cantando pneus. A caminho da delegacia, deram vários *“prestatenção”* na orelha do Pato

que chegassem ao hospital. Paulo M. avaliou: “diarista... mãe de cinco filhos... um de cada pai... sexto a caminho... não tem certeza quem é o pai... mãe solteira... não tem onde cair morta... mas na hora de abrir as pernas...”

“Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaahhhhhhhhhhhhhhhhhhh hhhhhhh!” – Não deu nem tempo: parto na viatura. – “Coméquié o seu nome, soldado?” – “Paulo”. – “Pois vai ser Paulinho!” – Ainda com a cria nas mãos, até se arrepiou e teve de se segurar para não chorar na frente do parceiro.

Último QRU

Ligou a sirene, botou banca e pisou. Abriu passagem entre os veículos em trânsito para dar tempo de filar aquela coxinha na padoca do Seu Joca. Deu um pulo no banheiro, enquanto seu parceiro o aguardava lá fora na viatura. Chacoalhou o menino e saiu sem lavar as mãos. Cumprimentou os colegas da base comunitária e, após uma ronda ostensiva, foram deslocados para o mesmo QTH de praxe. Na postura, alinhado sobre os dois coturnos, de braços cruzados, com as mãos na cintura ou para trás, pescoçava cada jovem que lhe atraía os

sentidos. Chegado numa superprodução americana, não resistiu e aceitou uns DVDs piratas do camelô. De quebrada “*demorô, patrão!*” ninguém ia ver. Moqueou em meio as suas coisas e já era. De repente cresceu os olhos numa lata de pêssego perdida entre os DVDs. Estava aberta e a tampa envolvida num plástico-filme. “*Tá confiscada*”, disse em tom galhofeiro. O ambulante tentou argumentar, mas o tira já tinha aberto a lata e lambuzado os dedos no pêssego em caldas. Agora é tarde. Depois que Paulo M. saiu, ao ver seu parceiro, cheio de remorsos o ambulante desabafou: “*poxa vida, patrão, o seu parceiro*” e ele do alto da sua arrogância oficial: “*o que tem ele?*” O vendedor ambulante: “*não deu nem tempo de avisar, o seu Paulo já foi metendo o dedo na lata de pêssego... era do colega mão branca que trabalha naquela loja ali ó... foi difícil explicar pra ele que... o ronda já tinha confiscado a lata... daí ele começou a rir e eu sem entender... é que ele tava saindo com uma vendedora da loja e ela tinha umas fantasias... o mão branca enfiava o pau na lata de pêssego e dava pra ela chupar, depois enfiava de novo... pediu pr’eu segurar a lata pra ele e...*” No mesmo dia, todo mundo da

corporação ficou sabendo e pelo Nextel, pelo *whats*, logo a história do pêssego vazou para todo o território nacional. Paulo M. caiu na boca do povo. Até fizeram um desenho na porta do banheiro da corporação: uma lata de pêssego com o “*trem*” mergulhado seguido da inscrição “*qué pêssego, Paulão?*” Se você visse a cara dele quando alguém perguntava na hora do almoço “*quê que tem de sobremesa hoje – pêssego em calda?*” Vixe! Ficava louco! Então primeiro se calou, depois se isolou. Não tinha mais boca para nada, quase um monge budista. Passados uns meses nessa, abandonou de vez a corporação, aceitou Jesus, virou pastor de uma igreja doida aí e nunca mais foi o mesmo.

Polifemo em Lilipute

Caminhamos por cerca de uma hora na trilha cercados por árvores gigantescas, muitas delas centenárias, como uma horda de *polifemos*. Em sua maioria jaqueiras, o que se podia notar caminhando descalços pela trilha. Desistimos das *hawaianas*, pois esmagávamos a massa melada da fruta pisoteada misturada a terra e ao mato rasteiro batido que se espremia entre os dedos dos pés. Um contato com o suprassumo da natureza selvagem. Uma mescla de cheiros tomou o ar até as nossas narinas.

Em alguns trechos tínhamos praticamente que escalar entre as rochas encravadas na montanha: de um lado um paredão marrom-esverdeado, do outro o desfiladeiro da mata fechada onde, de quando em vez, se avistava o mar. Atracados em troncos, em galhos mais grossos ou cordas naturais, firmávamos nossos pés entre pedras fixas e raízes expostas.

Quando atingíamos uma clareira, parávamos para o *pitstop*, onde bebíamos água e trocávamos impressões

sobre a caminhada. Subidas íngremes, descidas idem, formigas, pernilongos e marimbondos, um esquilo aqui, uma macaco acolá, o medo das cobras, o cansaço, a amizade, a cara vermelha, o suor coletivo, os cheiros, principalmente de jaca, e o barulho da arrebentação das ondas no paredão das rochas como prêmio.

Na derradeira descida, onde escorregamos sentados, pois era humanamente impossível descer de pé porque o verde e as rochas abandonaram nossas pisadas, tornando, devido à inclinação, o terreno espinhoso para brincadeiras desnecessárias e imprudências juvenis. Em terra firme, após um corredor de árvores mais baixas em meio a uma vegetação rasteira, finalmente, um portal se abriu e nos deu passagem: uma lagoa artificial se descortinou cercada por rochas gigantescas como *polifemos* enfeitados por Medusa. Todos nós *tchibum* na água e os mais audaciosos atravessaram a nado até a seqüência majestosa de paredões como numa competição dentro de uma piscina natural.

Eu, como ainda não sabia nadar, entrei na água pé ante pé, como uma lesma manca, resultado do

cruzamento entre a tartaruga e o bicho-preguiça. Sempre sem pressa nenhuma, taurino que sou. Pálido, branco-gelo, quase albino com vitiligo, me lambrequiei com protetor solar fator 60, como garantia de que não voltasse para casa vermelho como um camarão, parente do pimentão. Caminhei num ritmo quase zen, absolutamente relaxado, molhando as palmas das mãos ao acariciar a superfície das águas. Atravessei seguramente até as rochas, depois de perceber que à minha direita havia uma corrente mais forte que desembocava num poço mais fundo. No sentido que tomei, onde visualizei famílias com crianças, me senti seguro para atravessar; além de conseguir enxergar meus pés, a água chegava, no máximo, até os meus ombros.

Transposta a barreira líquida, me escorei numa rocha, alçando-me para fora da lagoa como o homem *primevo*, surgido das águas do mar imenso. Passei por um casal de mãos dadas que colhia conchinhas e apreciava siris e caranguejos em meio aos musgos que se aglomeravam nas rochas como dentes careados. Logo escalei uma das mais altas, com os pés molhados secando

ao sol e também ao contato das rochas *polifêmicas*. Levei pouco mais de cinco minutos, mas que pareceram séculos devido ao risco de queda iminente. Elevado, sentei no topo da rocha e contemplei o quadro sublime emoldurado pela força das ondas da arrebentação, logo abaixo de mim, espirrando espuma num estrondo incessante. No horizonte distante gaivotas pescadoras e, no mais palpável a minha volta, no chão da rocha que me abrigava havia esconderijos de siris, aranhas e caranguejos.

Só então fui sofrendo um processo de metamorfose, me tornando cada vez mais *liliputiano*, de modo que compus um poema mental que me acompanhou pelo resto da tarde até o *camping* e ainda depois, até o fim da viagem, no regresso para casa, como um mantra.

Pãe

"Minha mulher só vive no bar, não sei mais o que fazer, meu Deus do céu! Logo de manhã antes de me levantar para o trabalho, passo a mão no vazio do lado da cama. Na sala, a porta escancarada. Vou até a calçada e lá está ela escorada no balcão do boteco rindo a larga com mais meia dúzia de velhinhos habitués. Uns bebuns! Chega faz vergonha!

Já cansei de fazer escândalo no meio da rua, de carregar ela pra casa, de jogar ela debaixo do chuveiro gelado. Também já cansei de falar, mas não adianta. Falei pra ela procurar o AAA, mas ela fica louca, começa a bater nas crianças, em mim, quebrar as coisas de dentro de casa. Aos berros, diz que não é alcoólatra. Fica espumando pela boca, a louca.

Eu já estou caindo em depressão, pensando em carregar as crianças pra casa da minha mãe no interior, pensando até em suicídio. Só que tenho dó dos meninos. Toda semana recebo bilhetinho da escola: que eles estão

muito agressivos batendo nos amiguinhos, que puxam os cabelos das meninas, que xingam a professora, que derrubaram o muro da escola... Não sei mais o que fazer, estou de mãos atadas."

Foi chamado pela direção da escola. A diretora sentou com ele a portas fechadas, cruzou as mãos na mesa e olhando fixo bem no branco de seus olhos, num misto de serenidade e austeridade, perguntou:

- você precisa tomar uma providência com seus filhos, porque estou recebendo muitas reclamações de pais e se não conseguirmos contornar essa situação seremos obrigados a tomar uma atitude drástica: expulsá-los da escola, visando o bem comum.

- entendo, diretora, a senhora tem toda razão. Mas é queeee... [suspiro] Preciso de ajuda, estou desesperado, não sei mais o que fazer. É que minha esposa...

Contou toda a história em meio às lágrimas. A diretora providenciou um copo de água com açúcar e indicou uma psicóloga para o pai e os meninos e aconselhou a internação da esposa numa clínica para dependentes químicos.

O marido virou "pãe" dos moleques. Na primeira consulta dos meninos, eles aprontaram das suas, mas depois a psicóloga conseguiu amansá-los.

A psicóloga da família era uma puta duma loira enfiada numa saia branca agarrada no corpo, cinco dedos acima dos joelhos. Na primeira consulta perguntou aos meninos:

- vocês querem jogar ou desenhar?

O mais afoito respondeu:

- jogar! Jogar! JOGAR!

O outro, só para ser do contra, resmungou:

- de-se-nhar...

O *menino mais afoito* escolheu um jogo na brinquedoteca e sentou no chão com a psicóloga. Seu irmão ficou na mesa desenhando. O primeiro ficou concentrado no jogo, preocupado em ganhar, vencer, ser o campeão, enquanto a psicóloga lhe enchia de perguntas como quem bate um papo, como quem não quer nada.

- e essa sua camiseta de caveiras, você sabe o que significa esse sinal que uma das caveiras está fazendo com o dedo?

- sim. Tá mandando se foder.

- e você sabe o que é isso?

Ele baixou a cabeça, pensou e disse:

- é palavrão.

- e você acha legal falar palavrão?

O grilo cricrilou, o vento soprou, o barulho das ondas do mar na arrebentação...

- acho!

- e se xingam você?

- eu dou porrada!

- e se xingam seu pai, seu irmão?

- eu saio na porrada!

- e sua mãe?

Ficou em silêncio, seu semblante nublou-se, a cara caiu, lutou contra o choro, mas não resistiu: explodiu num choro convulsivo. Seu irmão largou o desenho e lhe abraçou. A psicóloga envolveu os dois. Em meio às lágrimas, ele conseguiu visualizar a calcinha de rendinha branca da doutora e sorriu.

O Pão também tinha hora marcada com a doutora. Nas primeiras sessões de uma hora de 50 minutos,

chorou, chorou, chorou. Em outras era monossilábico, silencioso, quase monástico. Enquanto isso sua esposa era mantida em cativeiro, meio que esquecida na clínica.

Quatro meses depois.

Pãe dominava os afazeres domésticos, atarefado, tinha o dia cheio. Depois de despachar os meninos para o colégio, engolia o café e tocava para o trabalho. Antes de retornar para casa, buscava os meninos na escola, semi-internato, deixava os dois com uma senhorinha, sua vizinha e intercalava suas noites entre a academia e o curso de culinária.

Na academia estava de olho numa moça e no curso de culinária uma moça estava de olho nele. Os meninos, uns anjos na terra. De vez em quando tinham uma recaída, mas o normal da fase pré-adolescente. Aos sábados iam visitar a mamãe. Nas primeiras semanas não puderam se aproximar, pois ela se encontrava indócil e era mantida amarrada, presa a cama. Assim que viu a família começou a berrar, esgoelar, uivar como um animal possuído. Os meninos não quiseram mais acompanhar o Pãe e ele passou a visitar a mulher, sozinho.

Agora, depois desse período de tratamento familiar, as coisas foram voltando aos eixos: os meninos se amansaram, o Pão saiu com a moça da academia e a do curso de culinária e a mulher foi abusada por um enfermeiro enquanto a mantinha sedada.

Informado de que ela estava limpa e apta a regressar ao lar, os três foram buscá-la. Lá chegando viram-na sentada ereta num banco de pedra com o olhar perdido no jardim, cabelos soltos em desalinho, vestida numa túnica branca amarelada com respingos secos de sangue.

Pão se aproximou lentamente segurando os filhos pelos ombros a sua frente, formando, na visão da esposa, uma mesma figura triangular. Ela descerrou os olhos [barulho da água no poço do chafariz], entreabriu os lábios trêmulos e ressecados e, em câmera lenta, estendeu-lhes as palmas das mãos.

Microcontos

1.

Atravessando a passarela do metrô em direção ao terminal de ônibus, perdido em devaneios [novidade], ao passar por um casal, ouvi o seguinte diálogo:

- ...minha percepção de mundo vai mudar.
- Mas muda?
- Muda!
- Claro! As lentes de contato amarelas...

2.

O cara foi roubar o cara. Aí o cara saiu correndo e o cara atrás. Daí o cara caiu de cara no chão. Então o cara deu de cara com a polícia.

Asas de Anjo

Escutava música no último volume do volume máximo com a tevê ligada no canal de notícias inventadas, enquanto lia em voz alta o livro invisível da vida, peripateticamente, caminhando para lá e para cá que nem barata tonta, feito o pêndulo de um relógio de tempos passados.

Começou devagarzinho, uma coceirinha nas costas... uma coceira... uma coceira dos infernos! Há um bom tempo não roía mais as unhas, precisava cortá-las. Mas de certa forma foram úteis para coçar, coçar e coçar essa coceira in-su-por-tá-vel nas costas. Como as unhas não davam conta, tirou a camisa e esfregou as costas nas paredes da sala. Arranhou... raspou... lanhou... suas costas ficaram em carne viva! Começou a se dobrar sobre si jogado no carpete, em posição fetal, a rolar e a se contorcer como a convulsionar-se. Desesperador!

Atéquenfim desmaiou. Apagou-se. Será que ainda estava vivo? Não. Quer dizer: não foi dessa vez. Estava vivinho da silva, pra lá de Bagdá, mas inteiro. Quero

dizer: todo quebrado, mas inteiro. Digo: partido ao meio. Duas penas – duras penas – uma de cada lado das costas romperam sua pele, rasgando seu coró sem dó e, junto com elas, duas seqüências de penas brancas formaram uma plumagem alva. As asas brotando como pétalas de flores, copos de leite, lírios líricos. De forma crescente e cada vez mais rapidamente, suas asas foram ganhando corpo e se avolumando, movendo-se, movimentando-se como a adquirir vontade própria, vida própria, prestes a alçar vôo. Ele desmaiado e as asas vivas, balançando-o como uma marionete.

As asas imensas batendo intensas de modo a erguerem o homem, dois pés deixando o chão.

Desarmado/desalmado, desmaiado, com a cabeça pensa, de olhos trancados, ignorante de si, de sua condição, e do mundo que o cerca. Suas asas batendo agitadas como as asas de um avestruz desastrado em desabalada carreira, tocavam do chão ao teto derrubando objetos. Asas essas que batiam como um coração assustado, surtado.

Não há uma alma quando mais se precisa dela. Não

há a quem pedir auxílio. Não havia ninguém naquele momento naquele apartamento suburbano caindo aos pedaços, cortiço, favela vertical. Não havia – Ah não. – assim como não há.

Os olhos sonolentos, marejados, se abriam lentamente, pisca-piscando como prestes a saírem das órbitas, mas mal resistindo à letargia. Sua alma penada o sustinha. Um levante do além. Seus pés fora do chão, levantados pelo bater incessante das longas e largas asas. Nuvem e neve. Alvo algodão. Limpeza hospitalar. Agitação intensa. Pânico!

O homem só. Ele não estava mais só. Suas costas. Elas se abriram. E ele pariu. Um anjo. Um demônio. Uma mulher? Um *alien*. Um ser. Uma criatura. Um monstro. Aquele outrem. Aquilo. Inominável. Despregou-se, desprendeu-se, destacou-se, desatou-se. Algo descarnou de suas costas. Brotou de sua cratera/caverna interior. Batendo as asas atabalhoadamente e com um impulso dos pés usando sua lombar como trampolim, a coisa levantou vôo ao mesmo tempo em que largou seu corpo ensangüentado no chão. Escapou, escapuliu, escarpelou-se

pela janela estilhaçando-a, ziguezagueante, febril, rumo ao desconhecido.

Durante o vôo cabe o silêncio e nunca palavras palavras palavras a mais, vazias de significados. Menos é sempre mais.

Sr. Fulano e Srta. Beltrana

Era inegável que havia uma tensão sexual entre os dois. Beltrana era secretária do Sr. Fulano há quase 5 anos e nada. A forma de tratamento entre os dois desde o ingresso da funcionária na empresa nunca passou dos seguintes termos:

- srta. Beltrana, a srta. poderia fazer a gentileza de providenciar aquele memorando?

- sim, Sr. Fulano, em um minuto.

- srta. Beltrana, alguma ligação para mim?

- sim, Sr. Fulano: o corretor, a sra. Sicrana e sua esposa.

- srta. Beltrana, se a sra. Sicrana ligar, diga a ela que estou a caminho; se minha senhora ligar diga que estou em reunião.

- sim, senhor, pode deixar.

Sempre assim, sem alterar o tom, nunca passou disso.

Beltrana era uma mulher muito bonita. No anúncio dos classificados estava escrito "*boa aparência*" e isso ela

tinha de sobra, cumpria esse pré-requisito com louvor: era o que os mais sensatos chamariam de "*um espetáculo de mulher*".

Acontece que o Sr. Fulano, sempre muito alinhado, cheio de formalidades, nunca se valeu a soltar um gracejo sequer. Ela mantinha os cabelos presos num coque no alto da cabeça, a moda das aeromoças, saias justas pouco acima dos joelhos, meias finas, saltos. É claro que o Sr. Fulano reparava, principalmente quando Beltrana dava as costas para retirar-se da sala ou abaixava para recolher algum objeto, documento ou se debruçava para mexer nos arquivos, etc. Porém Sr. Fulano sempre ponderado, olhando de esguelha, munido de tal discrição de maneira que ela não percebesse. Minto. Somente uma única e rápida vez [o que gerou até dúvida, caraminholas na cabeça de Bel]: certa vez quando ela se agachou para retirar uma pedrinha que tinha se enroscado entre seus dedos e o sapato, notou muito *en passant* o olhar do chefe sobre seu decote, embora discretos, o olhar e o decote. Nesse dia, foi a vitória para Bel. Chegando em casa abriu uma garrafa de vinho, deixou-se cair no sofá, ligou a tevê

por ligar e tomou a garrafa quase inteira, pois, devido a sonolência, soltou a taça no chão derramando o restolho do conteúdo no tapete. Seu tapete manchou e ela apagou-se, literalmente.

Na semana seguinte, Bel arriscou puxar assunto:

- bom dia, Sr. Fulano, como foi o final de semana?

O chefe estranhou a pergunta, mas respondeu:

- ótimo! E o da senhorita?

- não tão bem quanto o do senhor, mas...

O telefone tocou, Beltrana se apressou para atender e o assunto ficou como a música que some no ar. Transferida a ligação [se tratava de Sicrana], fechou a porta atrás de si deixando os dois a sós.

Ao final de um tempo, deu dois toques na porta.

- sim? [Sr. Fulano já havia terminado a ligação.]

- com licença, Sr. Fulano. [Meneou a cabeça, de olhar sisudo, concentrado na assinatura de sua papelada rotineira.]

Beltrana tirou alguns vasos e bibelôs do lugar para tornar a colocá-los na mesma posição anterior. Aguardou por uns instantes, pensando que retomariam a conversa

sobre o fim de semana de onde haviam parado. "*Não tão bem quanto o do Senhor.*" Mas não. Sr. Fulano ergueu os olhos sem ao menos levantar a cabeça como a perguntar-lhe o que queria em sua sala ou a dispensá-la, pois não precisava de seus préstimos no momento e tornaria a solicitá-los assim que necessitasse.

- o Sr. deseja alguma coisa?

- sim.

Ficou com o coração [o dela] na boca.

- está dispensada, srta. Beltrana.

- como?

- tire o resto do dia para descansar. Vou ter de fazer uma viagem de última hora e... Volto daqui a três dias.

- o Sr. não vai precisar de mim?

- ?

- digo, durante a conferência...?

- não vou a negócios.

- ahh...

- aproveite para descansar.

- ok.

- tenha uma boa tarde.

- obrigada, Sr. Fulano. Igualmente para o senhor.

[Virou-se para a porta, mas titubeou.] Desejou-lhe uma boa viagem. O Sr. Fulano esboçou um sorriso e meneou a cabeça como forma de agradecimento.

Três dias depois, Beltrana estava muito nervosa. Sabe aquele dia que parece que o mundo se armou contra nós? Em que se acordou com o pé esquerdo? Então! Pior! Parecia que tudo conspirava a tirar Beltrana do sério. Ela não estava bem, ou melhor, a srta. Beltrana não estava nada legal. Prova disso foi que teve a infeliz ou a feliz ideia de tomar meia garrafa de vinho antes de sair de casa. No elevador, mirou-se no espelho, mexeu nos cabelos com a presilha entre os dentes, estava decidida: era tudo ou nada. Chegando ao escritório, passou por sua sala feito um furacão e entrou na sala do chefe, pela primeira vez, sem bater. Sr. Fulano não estava. Respirou ofegante num misto de alívio e frustração.

Três horas depois, quando o Sr. Fulano atravessou o corredor, a passos largos indo direto para sua sala, o efeito do álcool já havia passado e, junto com ele, sua

coragem também. Correu para o toalete e prendeu os cabelos no alto do cocuruto, como de praxe e o dia transcorreu como de hábito.

A caminho de casa, parou no ponto de ônibus - estava louca da vida - e como seu ônibus demorava, estendeu o braço e tomou um *uber*, gastando o que não tinha. Em casa, soltou os cabelos, atirou os sapatos longe, ficando um no meio da sala próximo a mancha de vinho e o outro sobre a mesinha do telefone. Dessa vez não ligou a televisão, não abriu outra garrafa de vinho. Só soluçou e chorou, chorou, chorou. Desmanchou-se.

No outro dia, estava tudo bem, tudo em ordem, nos conformes, na mais santa paz. Tinha superado. *"Sou apenas a secretária de Sr. Fulano. Contenha-se. Ele é casado e, ao que tudo indica, mantém um caso com Sicrana. Faça seu papel. Contenha-se."*

Acontece que nesse dia, quando para Bel estava tudo decidido que não ousaria em se prestar a nenhuma loucura, notou que, ao passar pelo motoboy da empresa, ele lhe mostrou o bico e a mediu da cabeça aos pés. Retribuiu-lhe com um belo sorriso. Ele puxou assunto e

ela deu corda. Logo estavam trancados no almoxarifado.

Sr. Fulano estranhando a ausência de srta. Beltrana ao passar duas vezes por sua sala resolveu fazer uma busca pela empresa. Ao aproximar-se da porta do almoxarifado, abriu-a e adentrou. Logo no corredor escutou um gemido peculiar, quase um grunhido, estancou em meio a duas estantes de materiais de escritório e de limpeza. A princípio espiou. Srta. Beltrana estava com a saia erguida, embolada, na altura da cintura e a calcinha entre as coxas, de frente para um rapaz que Sr. Fulano de cara não reconheceu. O jovem mantinha uma mão tapando a boca de Bel enquanto a outra apertava suas ancas, trabalhando com intensidade. Ela chupava seu polegar e tremia toda, tomada pela excitação. Quando estava prestes a chegar ao orgasmo, com apenas três passos Sr. Fulano se mostrou. Bel soltou um grito lancinante, dilacerante, desesperador, ao mesmo tempo em que se desvencilhou do motoboy. Ruborizada, sentindo-se humilhada, cabisbaixa em meio às lágrimas, mal fez menção de se vestir, Sr. Fulano censurou-a:

- srta. Beltrana, não faça isso. Por favor, não

parem. Continuem! Eu estava adorando.

O chefe ajoelhou-se e implorou, suplicou, até que o boy da empresa tomou a dianteira e retomaram o movimento de onde haviam parado, dessa vez chegando de fato ao gozo, os três, um gozo sublime como nunca antes e não mais experimentariam.

No dia seguinte o chefinho não deu as caras. Na mesa de Bel, sua carta de demissão.

Santo

Santo percorria esse mesmo trajeto todo santo dia há pelo menos um século. Acordava às 04:00 *de la matina* e para isso ia dormir com as galinhas. Engolia um café preto torrado, moído e passado no coador de pano pela patroa e partia. Madrugada afora, madrugada adentro. Fazendo frio ou debaixo de chuva, lá se ia ele. Sacola com a marmitta e seus apetrechos nas costas e guarda-chuva na mão, atravessava a rua e subia a escadaria, passava pela passarela sobre os trilhos, descia do outro lado, dobrava à esquerda, passava por uma abertura, uma fenda no muro e seguia finalmente por cerca de meia hora na linha do trem. Há um bocado de anos ia beirando a linha, pois ainda havia trens. De uns tempos para cá, devido ao total abandono da via férrea, era obrigado a andar na linha. O mato avançou, cobriu as pedras, tornando possível somente trilhar sobre a antiga passagem dos trens. Como por duas vezes teve uns sustos com a aparição de cobras, passou a usar botas de cano longo, galochas. Afora isso o caminho sempre foi tranqüilo, mesmo em tempos de frio e

chuva. Metia um capote e passo firme em direção ao trabalho. Pois é. Durante duzentos anos caminhando a passos largos nesse mesmo percurso, não se recordava da última vez que cruzou com gente. Verdade seja dita, nunca havia cruzado com gente, até o dia em que visualizou ao longe um negrume, um borrão encapotado vindo em sua direção, crescendo a seu encontro, de maneira que passou em sua cabeça, por um átimo de segundo, voltar para trás. Mas decidido a não se atrasar para o trabalho, pisou firme e segurou bem firme o guarda-chuva e seja lá o que Deus quisesse. Vendo que ele vinha fora do trilho raspando o ombro esquerdo na mata alta, continuou sua marcha no meio dos trilhos. Quando se viram a uma distância de um palmo do nariz, o sujeito nem titubeou: sacou o revólver pro Santo. Santo não se fez de rogado e mais rápido do que uma bala ou um trem bala, não precisou de mais que um golpe de guarda-chuva; desferiu com toda força o objeto na mão que empunhava a arma, num golpe certo. Quando o sujeito se dobrou sobre si, se vergou como bambuzal ao vento, Santo tascou uma joelhada na fuça do indivíduo que rolou

igual um trem descarrilado matagal adentro. Com a guarda-chuvada o revólver se perdeu, mas temendo que o cidadão se recuperasse do baque e recuperasse sua arma, Santo disparou em ziguezague sumindo no mato e reaparecendo nos trilhos. Assim que pensou ter alcançado uma distância considerável de seu opositor, parou de correr, soltando os bofes pela boca, escorou-se arcado com as duas mãos nos joelhos e olhou para trás. Ninguém. Mil anos depois, já recuperado do choque, mas ainda receoso de que o bandido retornasse atrás de vingança, Santo enfrentou nova provação. Dessa vez o pegando desprevenido, pois vinha à traição, ou seja, pelas costas. Mas pelo menos anunciou sua chegada: o apito estridente e incessante de um trem numa velocidade fora dos limites, como a avisá-lo para sair dos trilhos para não ser atropelado. Foi só o tempo de Santo saltar para o lado e o trem rasgou fluando sobre os trilhos. Das janelas os passageiros voltando de uma festa ou em festa nos vagões, os homens trajando fraques pretos, as mulheres vestindo longos brancos e todos com máscaras de caveiras mexicanas. Pinturas? Máscaras? Uma aparição? Trem

fantasma? Frio na espinha.

A mulher de branco

De vestidinho branco justo marcando a calcinha, a enfermeira parecia uma aparição. Ela cuidava de pacientes terminais. Vinha se dedicando ao "*velho safado*" que beliscava sua bunda, até a chegada do "*jovem educado*", companheiro de quarto do Velho Safado.

Na hora do medicamento era uma tristeza, porque o Velho Safado dava um trabalhão pra tomar, pior, pra engolir, pois ficava com o remédio na boca, só de pirraça, e se a enfermeira descuidasse, cuspiam no vaso de plantas. Parecia criança. Às vezes ela tinha que negociar com ele: só tomava se ela desse uma voltinha, soltasse os cabelos, fizesse caras e bocas. A Enfermeira se divertia um bocado.

Já o Jovem Educado era o extremo oposto: obediente, respeitador, silencioso, mais escutava do que falava. Ao contrário do Velho Safado que quando abria a boca não fechava a matraca.

"Sabe no meu tempo as coisas eram diferentes não é como hoje em dia onde ninguém respeita ninguém os jovens

quando não estão envolvidos no crime se enfiam na droga não respeitam os mais velhos você vê no ônibus tá lá o banco amarelo o jovem esparramado com fone de ouvido na orelha fingindo que tá dormindo só pra não ter que dar o lugar pro velhinho não falo por mim porque eu nunca fiz questão e se não fosse esse enfisema [tosse, tosse, tosse] eu era forte que nem um touro touro não porque touro é chifrudo forte que nem um leão mas tá lá o velhinho cheirando à vela que não agüenta nem com ele e o fiadaputa não cede o lugar nem com reza braba é o fim da picada outro dia outro dia não que vai pra mais de mês que eu tô preso aqui internado falei pra minha filh [tosse, tosse, tosse] que se for pra morrer quero morrer em casa mas o que eu tava falando mesmo ah outro dia quer dizer teve uma vez que o jovem tava lá estatelado no banco sentado na janelinha todo folgado fingindo que dormia tava na cara aí numa curva um moleque lá na rua atirou uma pedra no ônibus moleque é triste sorte que não pegou no vidro senão podia machucar mais gente mas pegou bem na cara do sujeito bem feito pra ele quem mandou aqui se faz aqui se paga deus sabe de todas as coisas compreende mas

pensando bem ainda bem que não deu o lugar pro velhinho há males que vêm pra bem já pensou a pedrada ia matar o coitado deus sabe o que faz a pedra era pra ele mesmo ei ei porrameu cacete você tá dormindo dormiu e eu aqui falando sozinho"

O Jovem Educado tinha paciência, sabia ouvir e o que mais ele fazia ali era ouvir, enfim, era um bom ouvinte e o Velho Safado se aproveitava da situação para desabafar. Dava conselhos ao Jovem Educado e desfiava seu rosário de misérias. Quando se cansava, o Jovem Educado cerrava os olhos e fingia que estava dormindo tal qual o outro jovem do caso do ônibus. Assim como ele, o Jovem Educado sentia que tinha tomado uma pedrada da vida: tinha uma doença rara e necessitava de repouso absoluto.

A Enfermeira chegava às 22h00, trabalhava no plantão noturno. O Velho Safado contava os minutos no relógio de parede.

"Boa noite, meninos, como vão?" Conferia a sonda do Velho Safado e tirava a pressão dos dois pacientes. Certa noite, como de costume, depois de bater o cartão na

portaria do hospital e ouvir as mesmas cantadas do guardinha, entrou no quarto dos "meninos" por volta das 22h25. O Velho Safado estava acordado como sempre, os olhos esbugalhados, pousados encima da Enfermeira e usando seus termos corriqueiros para com ela, tais como "gostosa", "delícia", "ah se ela me desse bola", "mata o velho, mata", "isso é que é mulher e não aquilo que eu tenho lá em casa" e daí pra baixo. A Enfermeira se limitava a rir, fazer suas tarefas como levantar a cabeceira da cama, ajudá-lo com a sopa, a sonda, etc.

Devido aos medicamentos fortes, o Jovem Educado ficava muito sonolento e por isso dormia boa parte do tempo. Enquanto servia o Velho Safado, notou algo no Jovem Educado, que ressonava de barriga para cima. A Enfermeira não conseguiu controlar o queixo, ficou boquiaberta, completamente embasbacada. Percebendo a demora da próxima colherada, o Velho Safado mirou para a mesma direção do olhar vidrado da Enfermeira e, assim como ela, constatou uma ereção proeminente do Jovem Educado levantando o lençol branco. "Mas que fiodaputa ó pra isso o desgraçado!"

Nessa noite, depois que a Enfermeira viu o que viu, saiu do quarto e não retornou mais naquela noite.

Noite seguinte, radiante, mais maquiada que o normal fez uma entrada triunfal, toda reboiativa. Primeiro deu um beijo na testa do Velho Safado [coisa que nunca tinha feito antes] e na seqüência uma beijoca espocou no rosto do Jovem Educado. Ao se curvar para beijar o Jovem, o Velho deu pela falta da marca da calcinha. Será que ela estava sem?

Primeiro fez todos os procedimentos como de praxe: consultou sonda, reclinou cabeceira de cama, meticulosamente, mas, ao mesmo tempo, de forma meio que apressada.

"Como está se sentindo hoje, bebê?", perguntou ao Jovem Educado que respondeu:

"Estou com uma queimação aqui no peito... Ahh!"

A Enfermeira prontamente, sem levantar o lençol, colocou uma das mãos sobre o peito do paciente e começou a massageá-lo de forma circular. O Velho Safado ficou louco, pois além da inveja pela massagem, não conseguia desgrudar os olhos da bunda da Enfermeira.

Chegou até a praguejar, mas não obtendo êxito, exagerou na tosse [tosse, tosse, tosse], gemeu e pigarreou.

A Enfermeira continuou massageando o peito do paciente. O Velho Safado não se agüentando mais, soltou:

"Não me diga que você está sem calcinha?!"

Ela se virou pra ele e disse: *"Mas você é um velho safado mesmo!"* Quando se voltou para o menino mais novo, notou que ele tentava disfarçar o começo de uma ereção. Excitada, voltou à massagem com força total ampliando o campo de contato ainda de forma circular do peito a barriga, da cintura a virilha... O Jovem Educado não pôde mais se controlar e explodiu numa ereção nervosa. *"Olha, que lindo!"* O velhote ficou puto. *"Posso ver?"*, ela sussurrou, já metendo a mão. A Enfermeira nunca tinha visto um bem dotado antes. Já tinha visto paus grandes, mas não como aquele.

O Jovem Educado ruborizou e ela ficou ainda mais encantada. Não teve dúvida, nem conferiu se a porta estava trancada e caiu de boca no *"meninão"* do menino. *Chomp, chomp, chomp.* Procurou não se animar muito e deu um pause no boquete pra não haver desperdício, só

pra não chorar o leite derramado. Levantou um pouco o vestidinho, subiu na cama, montou em cima "*dele*" e começou a cavalgar. O Velho Safado apreciou a cena, tremendo de tesão, tentando inutilmente bater uma com seu pau molenga.

Foi uma grande festa de despedida, pois ao amanhecer o Velho Safado falou, falou, falou e calou para sempre. No fim da tarde foi a vez do Jovem Educado. Depois desse noitão hospitalar, a Enfermeira nunca mais foi vista.

O Chefe da Estação

Seu Emílio era o chefe da estação, na realidade o único funcionário da estação. Mas a bem da verdade mesmo, seu cargo era Agente de Controle Operacional Ferroviário. Seu Emilio trabalhava há pelo menos 20 anos numa escala 12/36, ou seja, dia sim dia não. Só que desde a gestão do Governo anterior, como não abriam contratação, nos dias de sua folga ninguém cuidava da estação. Logo se vê o quanto o seu trabalho era essencial.

Seu Emílio entrava às 5h00 da matina e, para isso, acordava com as galinhas, aliás, antes delas: às 3h30. Assim que chegava à estação, tirava a marmita da bolsa e guardava na geladeira caindo aos pedaços. Olhava pro marmiteiro e só de olhar já percebia: queimou a resistência de novo. Ia ter que sacar seu fogareiro do armário pra quebrar o galho.

Depois de fazer a vistoria de rotina pela estação pra constatar que objeto metálico levaram dessa vez, pegava os formulários no arquivo, sentava a mesinha e redigia o memorando de praxe.

“Bom dia chefia maior!

Constatada a falta de um trilho.

Marmiteiro continua com problema. Já troquei a resistência várias vezes, creio que seja problema na instalação elétrica.

Solicito a presença de um eletricista.

Desde já agradeço pela atenção dispensada.

Sem mais.

Atenciosamente,

ACOF Sr. Emílio.”

Por volta das 8h15 como todos os dias dos últimos dois anos uma senhora aparecia para alimentar os cães. No início era apenas um cãozinho na estação. Seu Emílio o alimentava com os restos de sua marmita, quando sobrava. Assim que aquela senhora começou a trazer biscoitinhos caninos todos os dias, impreterivelmente no mesmo horário, o Trenzinho, esse o nome do cachorro, começou a ganhar corpo. Acabou ficando um Trenção!

Até então Seu Emílio o alimentava com as sobras de sua marmita jogada num cantinho atrás de uma das pilastras fora da cobertura da estação. Com a chegada da

senhora, ele ganhou, além dos biscoitinhos, um pote de comida, uma coleira e, na época de inverno rigoroso, uma roupinha.

Seu Emílio acenava com a mão cumprimentando a velhinha que andava a passos lentos, dobrada sobre si mesma, meio encurvada como um bambuzal ao vento. Transparecia que ele não morria de amores por ela, ou ficava enciumado pela atenção que despendia ao cão e não a si, por quem ela estava que estava pouco se lixando. Talvez fosse por sua cor ou sua condição social, talvez por força do conjunto que Seu Emílio não mostrava o dentes para a senhorinha. O que importa é que o chefe da estação acenava à velhinha do alto da plataforma, ensaiando um sorriso, e fechava a cara. "*Lá vem a Doida do Cachorro!*", era assim que a qualificava ou a desqualificava.

Acontece que nesse dia, quando mal havia acabado de redigir pela enésima vez o documento para a solicitação de um eletricitista, o dito cujo chegou. Depois teria que amassar o documento e redigir outro informando apenas a falta do trilho.

"Opa, cumpadi, 'dia!"

"Dia! Veio de trem ou veio a pé?"

"Haha! Mas cadê o trem, seu moço? Não tem faz é tempo."

"Pois é. Por isso mesmo que eu tô perguntando, devido à demora. Veio de ré, homem? Faz mais de mês que eu tô solicitando reparos aqui", disse irritado.

"Hahááá! Calma, seu moço! Olha o coração!"

Dito Cujo, o eletricitista, tascou a caixa de ferramentas no chão ao lado do marmiteiro e, concentrado numa assobiação digna de um viveiro de passarinhos, pôs-se de cócoras a trabalhar. Seu Emílio, mãos nos bolsos como um guarda de mudanças, foi dar uma conferida na vista da janela.

"Ó lá, ô Dito, a Doida do Cachorro de novo!"

"Deix'ela, seu moço! Deix'ela...", respondeu o Dito.

Como dessa vez a Doida do Cachorro acocorou-se diante do Trenzão, assim como Dito diante do marmiteiro, e demorou-se averiguando sabe-se lá o quê na cabeça e nas costas do cachorro, Seu Emílio foi conferir.

"Dia, Dona!"

"Dia, Seu! É muita judiação fazer um negócio desses c'ô bichinho, ele não faz mal pra seu ninguém."

Seu Emílio olhou e viu marcas de ferimento na cabeça, próximo da orelha esquerda, e nas costas. Trenzão, ao que tudo indicava, tinha levado uma surra.

"Quê que foi meu nego, conta pra nega aqui, meu fio, conta pra nega.", a senhorinha carinhosa confidenciou ao cãozinho colocando o ouvido em sua boca que logo a lambeu. Cachorro até pensa que é gente: Trenzão abanou o rabo, deu umas piruetas no ar, latiu uma e duas vezes e foi até o local de onde haviam retirado o trilho. Naquele momento Seu Emílio percebeu que a estação não ficava abandonada na sua ausência. Na sua folga, Trenzão deve ter defendido bravamente a estação, mas o ladrão não devia ter agido sozinho. Desse dia em diante passou a considerar mais Trenzão e disputava com a Doida do Cachorro quem o presenteava com mais mimos. Isso só fez aumentar a bronca que Seu Emílio dispensava à velhinha.

"Ê, seu moço, isso ainda vai acabar em casamento,

hahááá!", troçou Dito puxando a fiação da tomada.

"Me respeita, rapaz, nem de preto eu gosto."

"Eu também não. Eu gosto é de pre-ta! Haha! Deix'a muié, homi!"

"Quê isso, Dito! Ela tira da boca dos filhos pra dar pro cachorro."

"E é? Quantos catarrentos essa dona tem?"

"Sei lá eu! Deve ter uma penca!"

"Ói o pecado, seu moço, julgando sem saber..."

A Doida do Cachorro já tinha se mandado. Foi quando o Trenzão latiu que Seu Emílio percebeu uma movimentação estranha do lado de fora: uma andarilha tinha acabado de deixar um presente embaixo de sua janela.

"Passe pra lá, sua sem-vergonha! Vai-te embora daqui, filha do cão!"

"Quê que foi, seu moço?", disse Dito, pescoçando pela janela.

"É cada uma viu!"

"Hahááá! Fica cuidando da vida duzoto, vem ôta e caga na sua janela, seu moço!"

Um Projeto de Vida

"Filha, suas fotos são lindas!"

"Obrigada. Elogio de pai não vale."

"Ah, falsa modéstia... Você sabe que nasceu pra isso. Escuta, estive pensando aqui... Você tem 17 anos. Eu também já tive 17 anos..."

"Ah, haha. Claro."

"Não. Quer dizer, é isso. Claro. Mas um dia você vai ter um filho... ou uma filha... que também vai ter 17 anos..."

"Sim. Creio que sim. Mas onde o senhor está querendo chegar com isso, pai?"

"Por que você não vai até o centro da cidade, nos lugares mais conhecidos, aos pontos turísticos da cidade, coloca sua máquina num tripé e tira umas fotos?"

"Mas todo mundo já fez isso, pai."

"Não. É que eu estava pensando aqui com os meus botões... E tive uma ideia. Você podia tirar essas fotos e arquivar, esquecê-las."

"Humm."

"Enquanto isso, vida que segue. Continua tocando outros projetos, estudando, se aperfeiçoando..."

"?"

"...quando você tiver um filho ou uma filha, você pede para ele[a] tirar novas fotos dos mesmos locais..."

"Nossa, pai, parece aquele filme que nós assistimos - como é que chama mesmo?: Cortina de Fumaça."

"É mesmo... Deve ter ficado no meu subconsciente... Mas é bem diferente. No filme, o dono da tabacaria tira fotos da esquina da loja todos os dias no mesmo horário. O caso aqui é outro. Mas vamos lá. Eu vou com você."

A fotógrafa trabalha como *freelancer*, como sempre. Nunca despontou. Não se especializou: tirou desde fotos de formaturas, casamentos, aniversários, *books* de jovens bonitas de periferia, até fotos de acidentes, vítimas de violência, incêndios, enchentes e outros desastres. Como disse, nunca despontou e também nunca lhe faltou emprego. Mas depois de quase trinta anos de carreira, finalmente parece ter chegado a sua vez. Conseguiu um

patrocínio, um belo incentivo de amigos da área e vai fazer uma retrospectiva de sua carreira. O foco será surpresa, um projeto de uma vida.

Os casarões deram lugar a prédios modernos, prédios antigos ficaram em ruínas. Mas a grande massa humana resiste nas ruas; mudaram-se as roupas, os cortes e cores de cabelo, mas resiste.

Ela teve dois filhos, um casal. O mais velho não se interessou por fotografia, se formou em Cinema, estreando como documentarista. Acredita que seja o começo de uma longa carreira, pois aspira a ser cineasta e já conta com alguns projetos na gaveta aguardando a verba que não chega.

A caçula resolveu tocar o projeto da mãe, idealizado pelo avô, por livre e espontânea pressão.

"Peraê, mãe. Não quero que saia aquele ônibus na foto."

"Mas, filha, os veículos fazem parte da paisagem urbana."

"Você é fotógrafa ou assistente social, mãe? Que droga!"

O primogênito foi incumbido de fazer o *making off* da sessão de fotos. O vídeo fará parte da exposição.

Em frente à câmera um velhinho atravessa a praça beirando a rua atrás do bisnetinho.

"Vô, cuidado com os carros!", grita o documentarista, pai da criança. "*Quero o senhor firme na noite de lançamento do livro.*" Dá uma piscadela para a irmã emburrada.

O idealizador sorri com todos os dentes e faz um sinal de *joinha*, levantando a custo o bisnetinho no ar no momento em que sua neta mais nova aciona o botão da máquina, o *rec* e – clic! – congela a imagem que será capa do catálogo da exposição.

Foi ou não foi um final feliz?

A Efemeridade do Tempo

Caminho como um camelo na areia da praia, a beira da praia... À margem... Não... Caminho como um cão sem dono, abandonado... Cachorro molhado, cachorro magro... Famélico... Agarrado a própria pata descarnada... A roer-me como um rato de esgoto abrindo um buraco na parede... Com um pincel colossal apagam toda a água do mar, sem deixar sequer uma gota... Garganta seca... Continuo a caminhada, continuo caminhando... Na areia... A beira... À margem... Afundando meus passos sob um sol escaldante, castigando minhas costas com suas chibatadas de raios ultravioletas... Ultra violentos... Dunas desertificadas... Ar parado... Sufocante... Do nada um vento quente toma conta da paisagem, mudando as dunas de lugar como crianças destruindo castelos de areia... Uma tempestade de areia no deserto... Os pés pesados como chumbo, como duas placas de concreto... Cachoeira de suor na cara... Fome... Sede... Fome... Sede... Fomessede... Fom-- cede lugar a dor... Febril... Mirada de norte a sul, de leste a oeste... Para onde quer que se pouse

o olhar... Um mar de areia espalhado por todos os lados...
A tempestade de areia cega... O vento veta a visão...
Tatibitate, tateando às cegas... Obstáculo ao avanço...
Linha de bloqueio... Enxame... Só me resta a queda...
Desisto... Desmaio acordado... Não posso parar... Meu
coração não para... Dispara... Minha mente não para...
Delira... Minha alma deixa meu corpo... Revolta-se...
Contemplo minha carcaça sendo rapidamente soterrada,
enterrada viva... Velo meu próprio cadáver... Por isso me
sinto mais leve... Já posso voltar a caminhar... Agora até
sou capaz de voar... Sem dor... Estou em outro plano... O
sol sumiu como uma aspirina gigante... Um efervescente
sabor laranja a borbulhar em outras paragens...
Anoitece... A noite tece novas possibilidades de vida...
Avisto uma caravana de quarenta sombras ao longe...
Turbantes e espadas... Tuaregues?... Saltimbancos?... Eles
avançam em minha direção... Não tenho medo... Sou puro
espírito, esqueceu?... Passam por mim sem me ver... Sou
invisível... Passam por mim, sobre mim, me atravessam
como a desbistar florestas com um facão, ou espadas,
abrindo picadas... A caravana de quarenta sombras se

afasta roubando meu precioso tempo... Um verdadeiro exército em marcha se distancia, decidido, rumo ao desconhecido... Atrás de um tesouro perdido/proibido... Estou só de novo... Só eu e as estrelas... A lona negra furada deixando passar pontos de luz de um sol que se escondeu... O céu forrado de estrelas como flores multicolores, como borboletas azuis, amarelas, vermelhas, como abelhas a zumbir eletricidade... E eu, zumbi, retomo minha caminhada... Não me resta mais nada a não ser perseguir a sombra que a escuridão projeta sobre mim, pobre de mim, e o deserto... Somos todos negros... Eu... O céu... E o

deserto.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

.. A lama negra... A ventania varre a areia do meu corpo e
me descobre... Reencarno naquele traste, agora com

fôlego renovado, revigorado... Retomo a jornada...
Detenho-me... Algo me detém... O chão está vivo... Areia
movediça... Afundo lentamente como a me precipitar num
precipício... Um poço sem fim nem fundo... Um ralo sem
tampa... E eu a escoar com a areia... Descarga circular a
me sugar para o buraco imenso da velha e abismal
ampulheta...

Sobre o Autor

Andri Carvão cursou Artes Plásticas na Escola de Arte Fego Camargo em Taubaté, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na EPA – Escola Panamericana de Arte. Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo, publica regularmente poemas e ensaios na revista *online Labirinto Literário*, é colunista do site *Educa2* e participou das antologias: *Gengibre – Diálogos para o Coração das Putas e dos Homens Mortos*, *Embaçadíssima: Antologia Tirada de um Notícia de Jornal e Antologia de Poesia Contemporânea Além da Terra Além do Céu* - editora Chiado.

10 Perguntas Para Andri Carvão

AP: Andri, como foi o seu dia hoje? Como é a sua rotina?

AC: Madruguei pra trabalhar, às 03h30 *de la matina* como todos os dias, e planejava cochilar a tarde toda assim que chegasse do serviço. Mas como minha tia Sol tinha um ingresso sobrando, fomos ao teatro ver *Les Miserables* de graça e no camarote. Desculpa tá! Um friiio de rachar! Ave, Sol!

AP: Você vai à saraus? Os considera necessários?

AC: Não costumo não porque não tenho tempo: o trabalho e a faculdade preenchem todo o meu dia. Mas acho importante. Frequentei o *Sarau do KVA* na Vila Madalena em São Paulo no final dos anos 90. Tinha lido uma reportagem numa revista semanal a respeito de saraus espalhados pela cidade e no dia da minha demissão de um subemprego comecei a frequentá-lo. Até

então minha produção poética era restrita a pouquíssimos familiares e amigos. Foi no sarau que descobri que meus versos tinham alguma “*qualidade literária*”, pois passei a ser reconhecido por desconhecidos. Afinal, elogio de parente e de amigo não vale.

O sarau remete ao simpósio grego onde, tanto o poeta como o leitor, através da declamação e da interpretação – o gestual aliado ao figurino – disputavam a melhor *performance*. Na idade média, os trovadores exerciam papel semelhante. Mas vivemos a “*era do romance*” desde Dom Quixote de Cervantes, o primeiro romance moderno. As pessoas leem mais prosa desde então. Os folhetins publicados em jornais e muito populares [entre uma elite letrada, é claro] em meados do século XIX, jogaram a poesia para escanteio. Se você perguntar para um leitor “*qual o seu autor favorito?*”, haverá 90% de chance de o autor citado ser predominantemente um prosador: romancista, contista, cronista, talvez até dramaturgo. A poesia é hoje a mosca no cocô do cavalo do bandido.

Enfim, o sarau serve para o poeta ou o amante da poesia se expressar e compartilhar a experiência poética, algo que não é possível numa leitura silenciosa.

AP: Você também escreve poemas, não é? Quem veio primeiro pra você, a prosa ou os versos?

AC: Os versos, com certeza. Desde criança eu desenhava muito bem e ainda adolescente fiz vários cursos de pintura, artes plásticas. Mas aos 14 anos, fugindo da aula de física do professor Pedro [que inclusive me reprovou], com a desculpa de fazer uma pesquisa na biblioteca da escola, dei de cara com o livro *Poesia Completa e Prosa de Manuel Bandeira* onde li no *Itinerário de Pasárgada*: “(...) *a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas.*” Tive um *insight*, uma iluminação. Então troquei o pincel pela pena e nunca mais parei de escrever. Na moral, pra mim, a boa prosa é o poema que o safado do poeta não quis metrificar porque queria ser lido. O que há de belo

na prosa é poesia.

AP: Você estuda na Universidade de São Paulo. Conheceu um dos editores da Appaloosa lá, inclusive. Você acha que a academia somará na sua literatura? Em que?

AC: Todo conhecimento é válido, seja ele através do estudo ou da experiência. Penso que a Universidade não forma escritores, assim como oficina de criação literária também não. Escrever bonitinho não é fazer literatura; ajuda, mas não é essencial. A Academia te ensina a fazer uma leitura tendo em vista a análise crítica, uma leitura de mundo a partir da obra literária, sob diversos aspectos do conhecimento humano como, por exemplo, a história, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a geografia, a ciência, etc. A literatura não é uma casinha fechada. Por cerca de vinte anos posso considerar que fui um escritor autodidata. Acho que foi Goethe quem disse isso: *“Se quer ser grande, aprenda com os mestres.”* Sigo esse aforismo como um mantra.

AP: Você acha que a ideologia, a guerrilha, a militância deve estar na arte? Sua literatura tem uma meta política?

AC: O ser humano é um animal político. Desde bebê quando descobrimos que ao chorar mamãe nos dá atenção – troca fralda, dá de mamar, pega no colo – se torna automática essa manha. Mesmo aquele que se diz apolítico está fazendo política. O empresário que se candidata a Prefeito dizendo que não é político nada mais faz do que política, pois essa foi a sua “*manha*” para angariar o eleitorado. A política é inata ao homem: somos políticos por natureza com a família, os amigos, os vizinhos, no trabalho, na escola, na rua. Impossível dissociar a ideologia da arte.

AP: Você gostaria de convencer as pessoas de alguma coisa? Do que? Ou por que não?

AC: Sim. Gostaria de convencer as pessoas que o escritor, assim como o artista de modo geral, não difere em nada

do homem comum. O escritor se dedica à escrita e, porque se atém a isso, se torna uma espécie de “*antena da raça*”, o porta-voz de um povo. Mas isso não significa que, por isso, ele está acima dos demais mortais. O artista fala de si em sua obra para atingir o outro; e falando de si, ele automaticamente está se referindo ao outro. A problematização da vida privada do artista, a sua auto-divinização é apenas aparente, pois tudo aquilo que o aflige, aflige igualmente a qualquer um. Ele apenas registra suas impressões pessoais com engenho e arte.

AP: Conte pra nós um pouco do seu corre literário - À que você atribui a maior parte desse ímpeto?

AC: Minha vida é escrever, escrevo todos os dias. Envio meus escritos para revistas, antologias, concursos literários. Publico em sites, posto no blog, mantenho uma coluna no site Educa2. Tenho ganas, ou melhor, a ilusão de ainda um dia viver da minha escrita.

AP: A violência é bela, Andri?

AC: Não é bela, mas sua feiura exerce um verdadeiro fascínio sobre a espécie humana. O ser humano é violento, as sociedades se construíram e se ergueram à força através da violência. O homem é o único animal que sente prazer com o sofrimento alheio. Brutalidade e curiosidade mórbida. Os animais se matam por instinto para se alimentar ou em defesa de seu território, crias, fêmeas. Os homens se matam por tudo e qualquer coisa, inclusive por nada.

AP: O que você não gosta de ler?

AC: Auto-ajuda. O próprio nome já diz: só serve para ajudar o autor. As pessoas são facilmente enganadas por conta da baixa escolaridade, do ensino capenga das nossas instituições, da falta de apreço pela cultura, enfim, do descaso das nossas políticas públicas no que se refere ao direito básico para a formação humana: educação. O

nosso país é uma mescla de piada pronta e tragédia social.
Daí os aproveitadores. Quer se ajudar através da leitura?
Poesia e filosofia, meu!

AP: Diga algo que você gostaria de ler daqui alguns anos.

AC: Um livro escrito por um neto ou uma neta.

POLIFEMO EM LILIPUTE & OUTROS CONTOS

Copyright 2017 Andri Carvão

Published by
Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com